

A Equitativa

DOS

Estados Unidos do Brasil SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

Autorizada a funcionar pelo decreto
n. 2245 de Março de 1896

SEGUROS DE VIDA TERRESTRES E MARITIMOS

Negocios Realizados:

Rs. 200.000:000\$000

Sinistro pagos:

Rs. 5.000:000\$000

Fundos de Garantias e Reservas:

Rs. 8.000:000\$000

APOLICES COM SORTEIO SEMESTRAL
EM DINHEIRO

Ultima Palavra em Seguros de Vida

INVENÇÃO EXCLUSIVA DA

EQUITATIVA

Os sorteios têm lugar em 15 de Abril
e 15 de Outubro de todos os annos

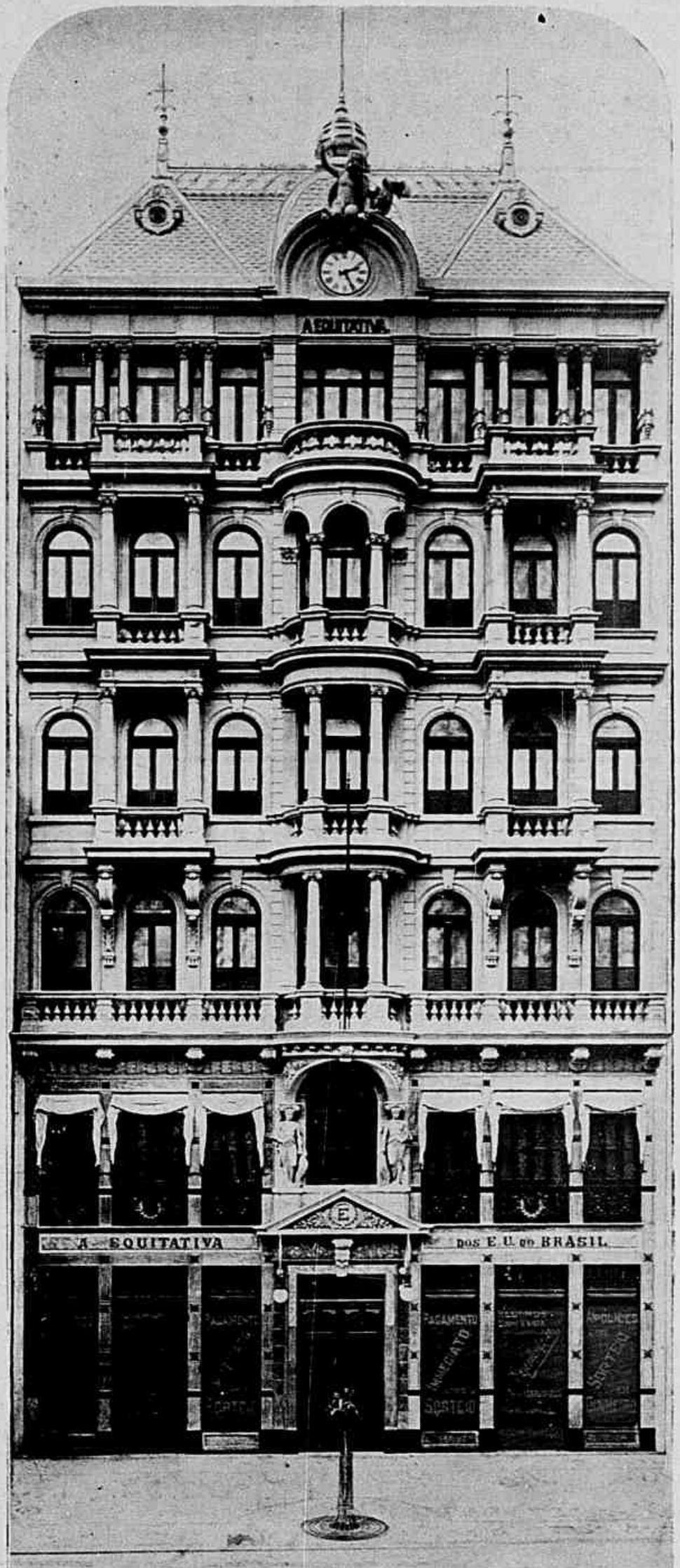
Agencia em todos os Estados
da União e na Europa

PEDIR PROSPECTOS

Edificio de sua propriedade

125, Avenida Central, 125

RIO DE JANEIRO



L. MUSSO & C.

PHOTOGRAPHS

10 — Rua da Urugayana — 10

RIO DE JANEIRO

Ultima Novidade Photographica
Retratos em côres (Monocromos)
de bellissimo effeito e inalteraveis.

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Extracções publicas á Rua Visconde de Itaboraahy 45, presididas
pelo Sr. fiscal do governo da União e com a presença de um director da Companhia
Caução depositada 500:000\$000 em apolices federaes

Extracções ás 2 1/2 e aos Sabbados ás 3 horas

O pagamento de qualquer premio será feito no acto de sua apresentação, na thesouraria
da Companhia ou em qualquer de suas Agencias.

==== Sabbado — 11 de Setembro — Sabbado =====

Grande e extraordinaria Loteria Federal

Por 15\$800 **200:000\$000** *Por 15\$800*

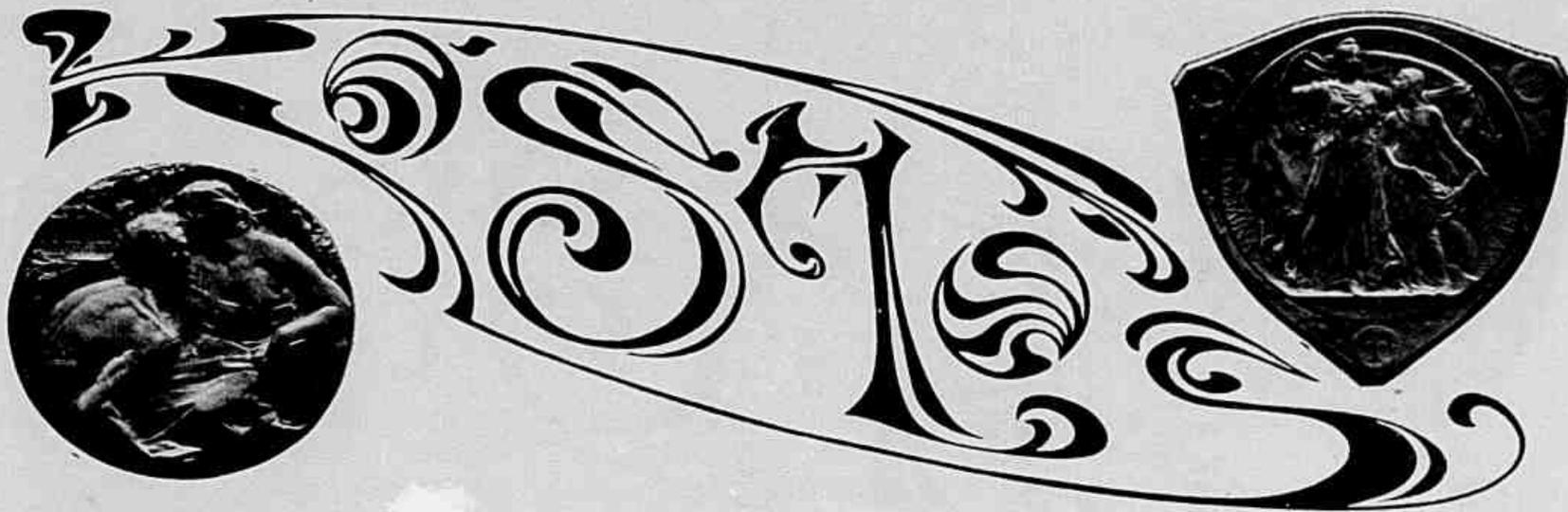
CAIXA POSTAL N. 41

88 — Rua Primeiro de Março — 88

RIO DE JANEIRO

Agentes NAZARETH & C.

Rua Nova do Ouvidor, 14



REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director - Proprietario	ASSIGNATURA ANNUAL		Redação e Officinas
JORGE SCHMIDT	INTERIOR. 20\$000	EXTERIOR. 25\$000	70, RUA DA ASSEMBLÉA, 70
	NUMERO AVULSO. 2\$000 ATRAZADO. 3\$000		RIO DE JANEIRO
ANNO VI	□ □ □ □	ABRIL DE 1909	NUM. 4

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: KOSMOS-RIO - CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

CRONICA

ABRIL aqui está! Vem cheio de chuvas e cheio de feriados. Temos nelle a Semana-Santa, e como o corpo me exige repouso penso na quietitude dessas verdes montanhas da Serra dos Orgãos, que são trechos do velho Paraizo biblico divididos pelo mundo máo dos homens peccadores.

Vamos!— digo eu aos meus botões, sempre confidenciaes como todos os botões cuja linha não se esgarça nem arreventa—Vamos! um pouco de energia... e uma semana de paz.

Escolho Petropolis. Ha muito que não vejo essa cidade montezina, onde vive a diplomacia que não supporta o calor da cidade carioca, e onde villigiatura a gente rica, que ainda não está de todo empenhada.

Vai para seis annos que eu a não visito, e ha em mim uma attracção por essa cidadezinha semi-bucolica, semi-faceira, porque foi alí que passei o bom tempo da minha adolescencia. Arrumo a *valise* e parto. E' tão facil ir até lá!...

Logo pela manhã o sol de Petropolis vem me accordar, alegremente, num commodo aposento de modesta pensão onde, por felicidade minha, não se faz musica nem jogam prendas á noite, e pulo da cama, corro ás abluções matinaes, ao café saboroso, saio em fim! saio

para vêr, para admirar, para gosar a cidade da elegancia e da saúde.

E' uma deliciosa manhã, duma caricia de arminho fresco, que faz imaginar os dias de primavera ao norte da Suissa.

A physionomia é-lhe a mesma na avenida "Quinze de Novembro,, a mesma que eu conheci no tempo em que o chamavam rua do Imperador. Dirijo-me á avenida Koeller, que é o *saint-germain* pretopolitano, o grande faubourg do chiquismo. Estremeço. Encontro uma divindade de cabellos pretos... Deus meu!... que immenso negrume!... Não sei se é Venus a contrariar os louros da moda, não sei que deuzza é essa da nomeclatura hellena... Sei que é deuzza em *tailleur* azul marinho, a passeiar a sua suprema elegancia e, sob o azul firme do céo, no frescor matinal da montanha, no meio dessa pompa de verdes e florescencias de jardins, e das *pelouses* margiaes do Palatinado, ella é a obra de arte do poder humano, a obra soberba dum bemdicto ventre que a deu assim tão completa, e dos caprichos nobres de uma civilisação em que a graça de ser bella se une ao requinte de ser elegante. E, instinctivamente, veem-me á memoria os versos do conde de Monsaraz:

Ha fremitos d'amor entre a verdura:
Vae passando a Senhora Baroneza,
Que é um mimo de graça e de belleza
E uma branca e finissima esculptura.

Mas, baroneza, condessa, diplomata... o quer que seja, pouco importa! E', como eu bem a vejo, uma linda mulher de luxo, dama



respeitavel por seus modos sérios, e formosa entre as que mais o podem ser, digna das tradições dessa pequenina cidade do chic e do conforto.

Esse encontro me faz bem, é uma dádiva do acaso, que eu recebo como bom augurio da minha permanencia ali. E acho linda essa Petropolis, mais linda, muito mais do que me parecia aos meus doze annos descuidados de alegres folganças no extincto Passeio Publico.

* * *

Mas, como noutros dias não me foi dada a ventura de encontrar no meu caminho essa creatura de olhos tão profundamente negros, dum negrume de mysterio envolto no luar das lendas, e tão fidalga de linhas no seu puro *tailleur* azul marinho, comecei a notar defeitos em Petropolis, a perceber a incuria de suas alamedas, o descaso no aproveitamento da sua belleza natural, a falta absoluta de obras d'arte numa cidade que é moradia de gente rica e gente culta.

O que é mais estranhavel nesta linda Petropolis é a falta de um jardim publico, ou duma praça ajardinada. Dir-me-ão que onde ha tantos jardins particulares, e tão cuidados, não se faz necessario um jardim commum. Não concordo, mas não persisto na teima. Cedo neste ponto. Resisto, porém, á contraposição no tocante a uma praça ajardinada, porque as que ali se contam são mesquinhas de terreno ou largos de arraial com a da Liberdade, antiga D. Affonso.

Ninguem, de certo, dirá que seja uma praça publica aquelle pedacito de jardim caseiro em que está a herma de Fagundes Varella!

E' triste, é enfesado, é pobre aquelle jardimzinho.

A praça da Liberdade não tem cousa alguma, nem mesmo a belleza das arvores, que a ornamente, e della faça um logradouro publico de pequena cidade de luxo.

Todos sabem que o erario municipal petropolitano não se póde arriscar á grandes empreendimentos; creio que lhe falta o bastante para as primeiras necessidades.

Mas, Petropolis, está cheia de palacios; as *villas* que ostenta, quatro, seis ou oito, são ricas, notadamente a de Itararé; os seus hoteis e pensões são em grande numero e alguns, no verão, ficam á transbordar; é, por tanto, uma cidade procurada, uma cidade de recursos. Unicamente, esses recursos são desaproveitados, a municipalidade não sabe tirar delles o partido que podia, e dada a nossa indole rotineira não convem que ella tente fazer agora o que nunca pensou em praticar. Isso seria desastroso. Assim posto, não é com a sua mu-

nicipalidade que Petropolis deve contar. O que é preciso, o que é imprescindivel, é que appareça uma forte iniciativa a favor do embelezamento artistico de Petropolis, um homem de actividade e cultura esthetica que a ame, que a idolatre, que lhe dê toda a sua capacidade de acção, de intelligencia, de bom gosto, para a melhorar, para fazer della o que ella deve ser—a cidadezinha a mais bella do mundo!

Um centro, uma aggremação, uma sociedade, seja o que fôr! compondo-se dos homens mais dinheirosos e mais cultos, entre os que ali vivem e veranêam, tomaria a si esse dever, e por meio de variados e multiplos attractivos, exposições floraes, bailes publicos com espectaculos cinematographicos ou theatraes, concursos de bellezas adolescentes, de horticultura e pomicultura, jogos adequados ás estações, conferencias, grandes concertos vocaes e orchestraes, em summa, tudo quanto pudessem attrahir multidões e produzir dinheiro, iria accumulando o fundo necessario aos gastos com melhoramentos. Em algum tempo, sem duvida mais breve do que se esperaria, e não é extraordinaria a provisão, haveria recurso para as despesas com fontes publicas, estatuas ornamentaes, jardinagem, calçamento aperfeiçoado dos passeios, conservação de pontes e grammados, e mais o que fosse proveitoso ao asseio, á belleza da cidade.

Ainda mais esse gremio ou centro poderia por seu prestigio, e attendido o merito dos seus serviços publicos, influir efficazmente no gosto da população, levando-a, por conselhos e suave compressão, a construir suas moradas por um modo menos chatamente rudimentar do que os casinhólos do Quarteirão Suisso, da Rhenana e da Wesphalia, a se utilizar dos accidentes da Natureza para embelezamento de suas risonhas, limpas e claras propriedades.

Assim, Petropolis seria uma cidadezinha incomparavel, seria em tudo e por tudo a *ve-reanopolis* do "high life," fluminense e a predilecta dos passeiantes domingueiros.

E' o que lhe falta, é essa dedicação de um homem superior, de um homem de finissimo bom gosto, dum estheta, que, exercendo influencia sobre o meio ricaço que a procura, seja o economo da sua belleza culta, porque, por em quanto, o que ella possui não excede á belleza da singelez. E' uma sertaneja bonita, que não sabe falar e que não póde ser distincta.

* * *

E, após dois dias de passeio, comecei a sentir o tédio dos mesmos effeitos e dos mesmos aspectos que a selva brasileira me offerece, diaria e immutavelmente, em Santa The-reza, no Silvestre, na Tijuca...



Deus, meu! é esse eterno verde de toda a parte que nos cerca, desesperadamente monotono.

Ai! se a mão do homem o não corrige, se lhe não dá interesse, que enfatiamento! que monotonia! que tédio!

Felizmente metti na *valise* alguns livros, que serão os meus companheiros confortantes.

Um delles é pequenino, não passa dum opusculo, e está tão artisticamente cuidado na sua edição, feita em Porto Alegre, que só o manusear é um prazer. O livrinho encerra um poema—*Noite de Insomnia*—de Marcello Gama. Leio-o, logo attrahido pela sympathia que a originalidade sempre me despertou, porque Marcello Gama é um brilhante poeta original que me dá, de quando em quando, a emoção bizarra do mallogrado Cesario Verde. Amo esses poetas assim, artistas rebelados que nos fazem vibrar em ressurreições de mocidade. Ai, como cança e enfada o velho orgão cathedralesco do parnasianismo!

E ao fechar o lindo livrinho de Marcello, que tanto amei e o recommendo a quem me acompanha nesta chronica, lanço mão doutro volume.

Deste já falou a critica. Assigna-o um poeta do norte, e assigna-o com este nome: Da

Costa e Silva. E' original, não concordam? O livro tem por titulo—*Sangue*...

essencia vital do sentimento,
Que, rubra, movel, plastica, incendiada,
Sobe do coração ao pensamento,
Circulando nos vórtices da Vida...

Diz-nos o poeta, explicando o titulo. Com igual interesse que tive para o fórte e commovente poemêto de Marcello Gama, leio este livro, e de pagina em pagina vou admirando o talento, a imaginação, a visionalidade, a arte de Da Costa e Silva. Leio-o, leio-o sem contar as horas, leio marcando paginas, repetindo versos.

E' um encanto! ó como é compensadora a Arte! E como é bom encontrar-se com um sonhador, a viver nos seus sonhos, ébrio de bellezas tantas! Ebrio, diz-nos elle:

Sou um ebrio e por isso me supponho,
Embriagados todos os sentidos,
O mais feliz vencido dos Vencidos,
O mais feliz dos bebedos do Sonho.

Bebedo eu sinto o coração cantando
E a alma extranha de embriaguez vencida,
Porque a Vida é uma taça e porque a Vida
Tenho passado bebedo sonhando...

Bemdictos sejam os poetas!

G. D.





A OBRA DE JOHN RUSKIN

QUANDO John Ruskin começou a escrever seus livros sobre artes as modernas theorias esthéticas eram pouco conhecidas. Os raros inglezes que, no principio do seculo XIX — diz o dr. Jacques Bardoux — sonhavam, em alguns momentos, discutindo problemas da Esthética e julgando das obras de Arte, se dividiam em dois grupos. Uns declaravam-se pelo lado de Reynalds, que consideravam grandes pintores os que se esforçavam, em seus quadros, por supprimir os detalhes individuaes para se approximar do typo ideal de cada especie "forma determinada e fixa para a qual a natureza sempre tende,"; outros consideravam que a arte era pura e simplesmente imitadora.

Ruskin desembaraçou a esthetica ingleza dessas idéas geraes e das composições a *priori*, substituiu conscienciosamente ou não, os processos escolasticos por um methodo verdadeiramente scientifico.

Não lhe podiam ser indifferentes as idéas do seu tempo, de fundamento scientifico, baseadas no methodo experimental, que de qualquer modo, directa ou indirectamente, influíam nos homens de estudos e faziam dos menos preparados, scientificamente, analysts cuidadosos segundo os seus proprios recursos.

Assim foi que John Ruskin, antes de criar uma theoria geral, estudou os artistas nos seus processos e nos seus meios, e assim é que seus livros são de um rigor de analyse quasi excessivo. O dominio da esthetica alarga-se ao mesmo tempo que o seu methodo se transforma. Ora, nesse tempo, H. Taine tinha feito da critica a historia das artes pelas disposições naturaes do meio e da raça, e levada pela nova corrente dos conhecimentos humanos a esthetica ressurgia modificada dos seus estreitos processos seculares. E, precisamente, os livros de Ruskin condenavam os processos até alli obediçidos. Mas, acima disso, a obra do pensador inglez offerencia a novidade de ser philosophica, elle pregava a reunião possivel do bello, do verdadeiro e do bem, porque a sua doutrina

alvejava um melhoramento humano, era a união da esthetica á moral.

E durante algum tempo essa doutrina teve o seu exito. Foram os pintores Holman Hunt e Burné-Jones que a puzeram em pratica, e isso o fizeram com incontestavel talento.

E não pára nisso a obra. A reinvidicação de Tunez, a historia das artes lh'a deve por completo; a reforma do estudo do desenho e a criação da arte decorativa são serviços que a Inglaterra jamais poderá esquecer. Sem elle as tentativas de Rossetti e de Millais não teriam vingado. Sem elle a Inglaterra de hoje seria uma colonia da arte franceza como por muitos annos fôra da italiana.

E o que ha de espantoso nessa reforma, é a habilidade com que Ruskin se houve para conseguil-a. A sua realização custou-lhe tanto talento quanto a sua concepção.

Em primeiro lugar, foi-lhe preciso provar á Inglaterra de 1840, protestante convencida e austera conservadora, que a arte não era mais do que um ramo da moral, e o culto da belleza uma das maneiras de adorar a Divindade. Depois de ter ganho a opinião publica atrahindo a sua patria por uma das suas qualidades, a preocupação moral, elle a conquistou definitivamente lisongeiando um dos seus defeitos, o orgulho, e Ruskin censurou aos seus compatriotas, como um crime de léso-patriotismo, admirar pinturas estrangeiras, em quanto deixavam ficar no esquecimento um dos maiores artistas que o mundo conhecia, e que alli vivia em Londres. Esse artista era Turner.

Ruskin fez de Turner uma gloria nacional, escrevendo sobre elle volumes e volumes, commentando suas télas, classificando depois da morte do artista os seus desenhos. Uma vez conquistada a opinião publica, Ruskin appellou para o gosto dos seus compatriotas afim dos interessar nas luctas da iniciativa e organização de escolas de desenho, e por si proprio, a custa da sua bolsa, fazendo conferencias, publicando brochuras, criou uma academia de desenho em Oxford, que foi o ponto de partida para outras criações. E tal foi o successo, que em 1897, a *Westminster Gazette* declarava com justo orgulho que nenhuma nação, nem mesmo a França, podia rivalisar com a Inglaterra sob o



ponto de vista de ensinamento do desenho. Em 115 capitães de provincia, 25 districtos metropolitanos e 1024 cidades organisaram-se 281 escolas artisticas, 449 classes de artes, 298 escolas de desenho elementar, formando um grupo de 98.000 discipulos.

A idéa dominante do grande homem era, por essa fórma, desenvolver o instincto esthetico das classes pobres e obter os operarios necessarios ás artes applicadas, sobre tudo á decorativa.

E para dar o exemplo elle criou em Sheffield um museu popular com as suas colleções particulares e organisou em Keswick, no *Lake district*, uma escola em que os aldeões vinham, durante as noites de inverno, aprender a gravar, a cinzelar ou esculpir.

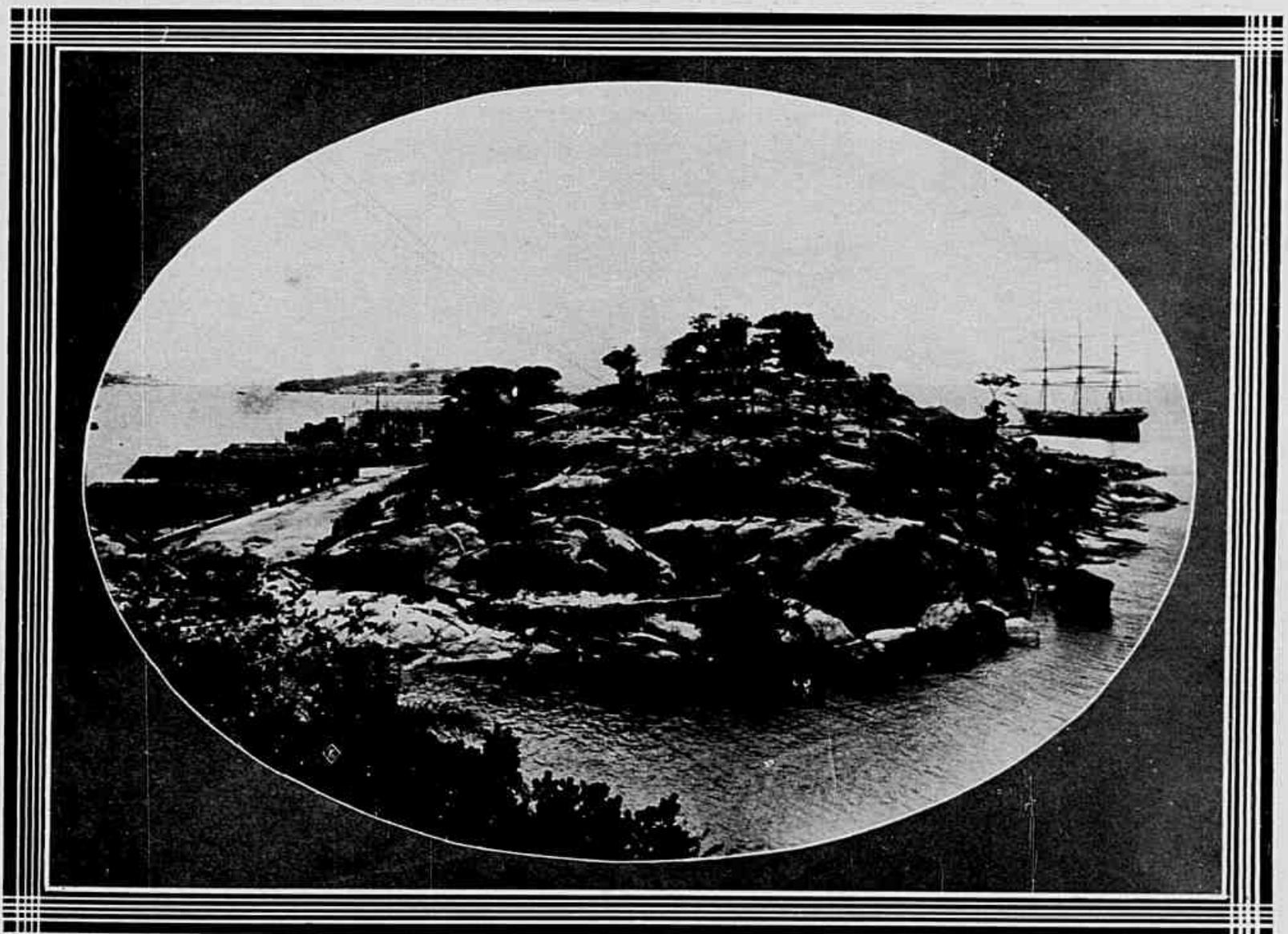
O sonho de Ruskin estava realisado: a arte decorativa nasceu na Inglaterra e a escola de South Kensington foi a sua primeira gloria.

Embora suas theoriss houvessem soffrido rigoroso ataque, no que ellas comportavam de exaggerado moralistas, ellas venceram, ellas deram á Inglaterra do fim do seculo XIX um logar proeminente no meio das nações artisticas.

A sua obra é extraordinaria, não só pelo talento porque foi concebida, não só pela belleza do seu fim nobre e moralisador, mas pela habilidade com que foi realisada, pelo esforço raro que exigiu da força de vontade, da tenacidade, da convicção de um só homem, porque ella é sómente de John Ruskin.

1909

PEDRO DE BELMONTE

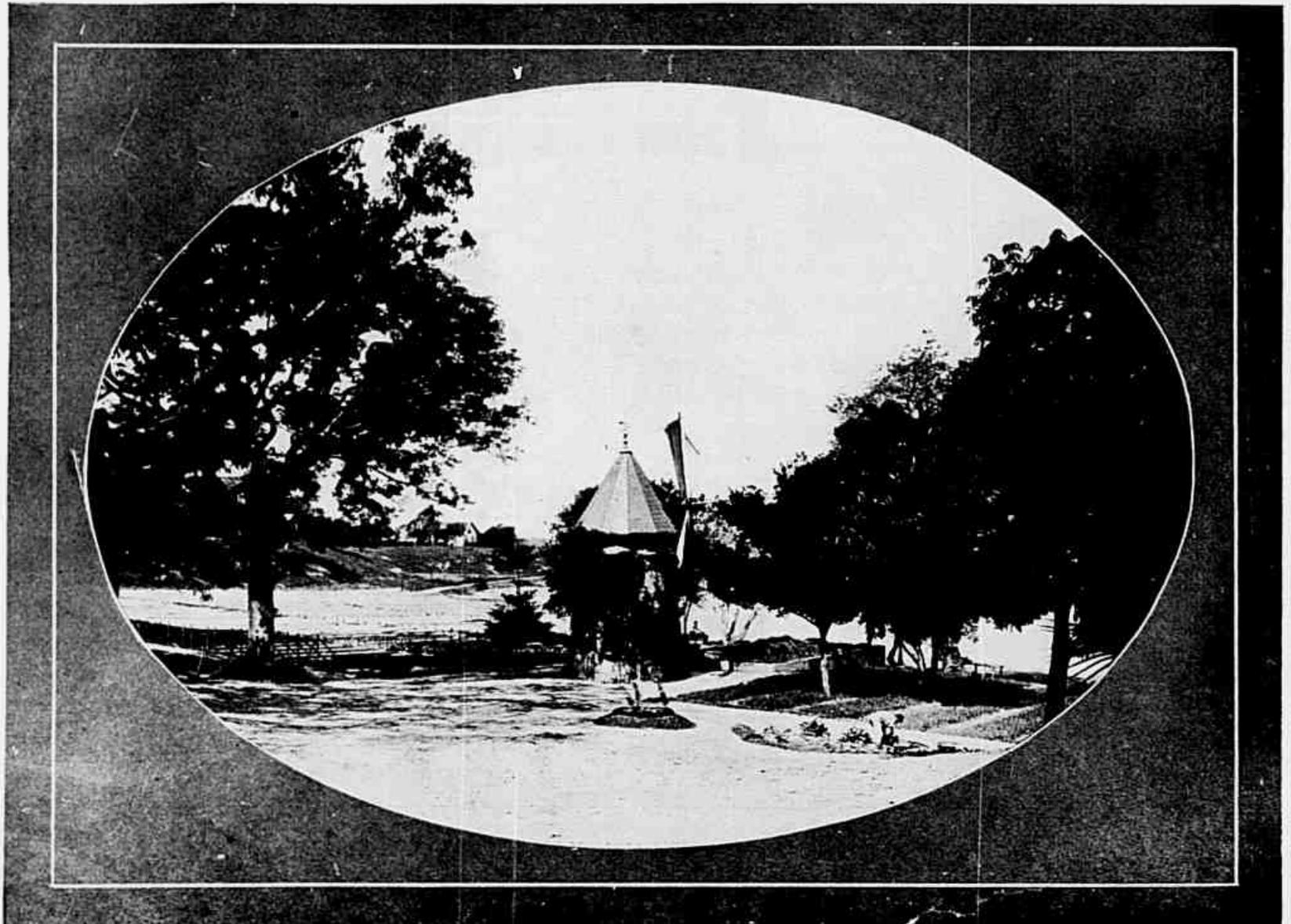


ILHA DO VIANNA VISTA DA ILHA DE SANTA CRUZ.

ILHA DE SANTA CRUZ



ASPECTO DA PRAIA.



UM RECANTO DA ILHA.

ILHA DE SANTA CRUZ



CAMINHOS E PASSEIOS.



REDES DE PESCADORES.



SOBRE MAETERLINCK

MAETERLINCK não é muito conhecido no Brasil, ainda hoje ha muita gente que apenas o conhece de citação... e quando dizemos muita gente comprehende-se que nos não referimos aos leitores dos romances-folhetins dos nossos diarios.

Por isso resolvemos traduzir umas paginas, tambem pouco conhecidas, do auctor da *Amisade Amorosa*, que persiste no incognito apesar dos seus successos litterarios com esse livro e com o *Henri Amic* e *En regardant passer la vie*, sendo este tão deliciosamente escripto que, por vezes, temos a illusão de ouvir e não de ler, mas ouvir uma voz macia, escoada pela mucosa perfumada da bocca admiravel duma mulher moça, formosa e instruida.

Ouçamos um dialogo do mysterioso escriptor:

—De que livros falaremos?

—Falemos, agora, das *Sete princezas* de Maeterlinck. Disseram-me, amigos meus, que escaparam de adoecer á força de tanto rir com elle.

—Que! julga comica essa obra?

—Custa-me admittir que essa peça fosse seriamente escripta, tantas são as suas bizarras, as suas repetições de palavras, as suas idéas burlescas! Recordo-me, entre outras, desta phrase: "Como dormem as pequenas irmãs! ellas dormem terrivelmente, ellas dormem tanto que não dormem mais!," Ser-lhe-á possivel explicar-me este amphiguri?

—O que lhe parece obscuro se me afigura claro. O somno é, por vezes, uma vigilia, uma existencia desdobrada...

—A sua interpretação é engenhosa, mas a linguagem do Theatro deve ser precisa antes de tudo, isso é uma qualidade primordial. Mauricio Maeterlinck apesar de ser belga, não escreve em flamengo, escreve em francez. No emtanto, suas peças parecem traduzidas num idioma estrangeiro, seu estylo me parece escamoso.

—Você se refere unicamente ás *Sete Princezas*; o Theatro de Maeterlinck não se limita a este pequeno acto. Eu não falarei da *Princesa Maleine*, nem dessa obra prima que é o *Pelléas e Mélisande*, em que encontro passagens mysteriosas que me commovem e, talvez, não lhe sejam agradaveis; mas falarei do *Intruso*, dos *Cégos*, do *Interior*. Você não imagina a impressão terrifica que ellas deixam nos seus leitores, e sobre tudo nos que as ouvem, tal é o seu valor dramatico!

—Reconheço que essas peças são perturbadoras. Lendo-as, senti-me abalado... quanto ao seu effeito scenico nada posso dizer, nunca as vi representadas.

—Lamento-o. Maeterlinck é antes de tudo um auctor dramatico. Não é possivel julgar suas obras senão á luz das gambiarras.

—O que você me diz, cara amiga, me faz admirado, porquanto, para mim, o auctor do *Intérieur* se apraz em pôr em scena personagens incaracterisadas. Os seres, que elle apresenta, não vivem por si proprios. Elles tomam parte na acção, representam um papel ou, antes, téem uma collocação no drama, mas não téem verdadeira individualidade, não vivem. Não se lhes sabe nunca a profissão, o officio, nem a classe que occupasse, a menos que não sejam reis ou rainhas, principes e princezas. Ignoramos quasi sempre os seus laços de parentesco e sempre os seus sentimentos.

—E' proposital.

—Eu bem sei e isso me irrita. Este modo de compôr é maneiroso. E' um artificialismo que se não assemelha ao de Scribe, mas que não lhe vale menos, nem mesmo pela habilitade.

—Você é severo, exaggera. Desde que se trata de arte ou de litteratura eu me não entrego á analyse das minhas impressões, deixo-me levar pelo prazer da admiração. Tenho a felicidade de não ser critico e procuro o mais possivel não turbar o meu prazer com os *porquês* e os *comos*...

—Minha querida, permittir-me-ás a discórdancia. Pense que se não póde discutir uma obra sem analysal-a, O livro, o quadro, a estatua, o monumento ou a peça de Theatro que não supportam analyse estão julgados. A admiração deve se justificar, não é um acto de fé!

—Seja! Entretanto a questão está no modo porque você julga as obras de Maeterlinck que estão fóra da vulgaridade. A critica, como se a pratica, é um tedioso trabalho de comparação, e isso magôa. Para julgar uma obra é preciso, em primeiro logar, comprehender a inspiração da sua concepção. Que consciencia e que alma de artista não são necessarios para tanto! Assim, não pretendo attingir a esse gráo de impessoalidade comprehendedora, eu me revoltado contra os que me forçam a dar as minhas impressões em desaccordo com os meus sentimentos—talvez adquiridos e banalisados pelo contacto com o mundo. Parece-me que se lhes tiram o que ellas possuem de raro, o que, para mim, é o que ellas contem de mais precioso e estimavel.

—Nós, os homens, gostamos de analysar, de comprehender.

—Tanto peor para os senhores... E o que me agrada em Maeterlinck é, verdadeira-



mente, o que sua obra traz de impreciso. Esse impreciso se exhala, do que elle escreve, como um perfume que me entontece e me encanta. De mais, a sua obra é essencialmente philosophica, e por isso ella supporta a analyse melhor do que nenhuma outra. As paixões, que ella evoca, nem por serem expressas numa linguagem livre de convenções deixam de ser muito humanas. Maeterlinck é um ser fóra do commun. Elle deve possuir uma alma primitiva, nobre, ardente, e calma, apaixonada e caridosa. Lembra-se da exclamação do velho quando vê soffrer tanto seu filho e Mélisande?

“Si eu fosse Deus teria piedade do coração dos homens...”

Que mundo de pensamentos decorre desta simples phrase! Muitas outras mergulham-me assim num banho de resignação ou de felicidade, do qual saio reconfortada. E como elle sabe falar de amor!... Ha nada mais emocionante, mais tenro do que as palavras murmuradas por Pelléas quando a cabelleira de Mélisande se desennastra até elle? E' enevoante e, no em tanto, é quasi um nada!

Não ha exclamações nem gritos, mas ha expressões sensatas, mas ha um sopro de ternura evolada que sóbe e abraça como uma chamma, porque isso sáe dum cerebro forte, vivificado por uma alma ardente. Diante da obra desse homem eu fico maravilhada.

—Sim, você admira Maeterlinck atravez da estranha musica de Claudio Debussy. E eu sinto não poder partilhar do seu entusiasmo. No meu modo de ver, a unica commoção que Maeterlinck tem transmittido com espantoso poder é a da apprehensão. A apprehensão que gera o medo, o assombro, o pavor, representa papel preponderante em todos os seus dramas. Ella é, por assim dizer, a razão de ser, a alma delles.

Sem ella o *Intruse*, e *Princesse Maleine*, *Intérieur*, *Sept Princesses*, *les Aveugles*, não existiriam.

O *Intruso* é a morte que penetra numa familia e arrebatá um doente querido.

Os *Céegos* perderam o seu guia. O monge que os conduzia morre durante um passeio. E elles tinham sido levados para um penhasco. A maré cresce, cerca-os, cresce sempre... e

o panno cae no momento em que elles, sem poder fugir, sentem a onda envolvel-os.

Interior é uma familia que vive feliz sem desconfiar que a desgraça a espia. Percebe-se atravez duma janella a boa familia agrupada em derredor duma mesa. Uma de sua filhas afogou-se. Como? Porque? Nada se sabe. O panno desce no momento em que estranhos batem á porta conduzindo o cadaverzinho.

As *Sete Princezas* dormem tão tranquillias, as sete irmãzinhas... que estão mortas...

A *Princeza Maleine* foi assassinada. Acreditam que ella dorme e um fio de sangue corre por debaixo da porta. Oh! o terror causado pela ignorancia do que se passa atravez dessa porta!

Si eu descrevo, rapidamente, o assumpto de todas essas peças é para mostrar que a minha opinião tem fundamento.

—Não contesto, mas não estou convencida. Retorna á *Opera-comica* a ouvir de novo *Pelléas et Mélisandre* e estarás comigo á respeito do librêto. Não nego que Debussy tenha penetrado genialmente no admiravel poema; sua musica é uma melopéa, enquadra o drama num murmúrio, funde-se com elle numa melodia tão perfeita que chega a ser prodigiosa. E convem accrescentar que Alberto Carré, o director artistico da *Opera-comica*, deu á montagem tanta belleza que o conjuncto é simplesmente maravilhoso. Tem sido uma das mais profundas impressões artisticas da minha vida esse espectáculo. A commoção que me deu só a posso comparar a que tive no dia em que me foi aberta a porta de bronze da cathedral bysantina de Curtéa d'Argès, essa joia de pedras esculpidas, de marmore, mosaico, bronze, pedrarias... Angustia de admiração, emoção sobrenatural que deu lagrimas...

E aqui paramos. Foi nosso intento dar aos leitores uma idéa, postoquê imperfeita pela rapidez do resumo. das principaes peças dramaticas de Mauricio Maeterlinck, e melhor não nos seria possivel fazer do que traduzindo—bem se vê que mal—estas paginas simples de animado e fino dialogo do livro encantador de um mysterioso.

J. B. R.

1909





AMOR

I

Amor que despedaça e que devora,
Que ás proprias carnes, rindo, dilacera,
Amor que tem os impetos de fera,
E a covardia que se humilha e chora;

Amor que acceta o vil desprezo, e, embora,
Desprezado jamais se desespera,
Que vive só dessa fatal chimera,
É na propria desgraça se avigora;

Amor que soffre o escarneo perdoando,
Orgulhoso de todas as miserias,
De todas as vergonhas triumphando;

Amor, enfim, que só de amar se ufana,
Veneno n'alma, incendio nas arterias,
É a excelsa gloria da fraquesa humana!

II

E assim amaste, e assim foste vencido,
Obscuro heróe da mais cruel provança,
Passaste pelo mundo incomprehendido,
Sem odio, sem revolta e sem vingança;

Sentiste um dia o coração ferido,
E n'alma, como um iris de bonança,
O céu azul de um sonho indefinido,
Onde voejava a pomba da esperança,

E foi-te o amor o abysmo em que cahiste,
E foi-te o amor a escada luminosa
Por onde á torre da illusão subiste:

E, no alto e só, no assédio do teu sonho,
Ficaste alheio á turba insidiosa,
Indifferente ao bárathro medonho!

III

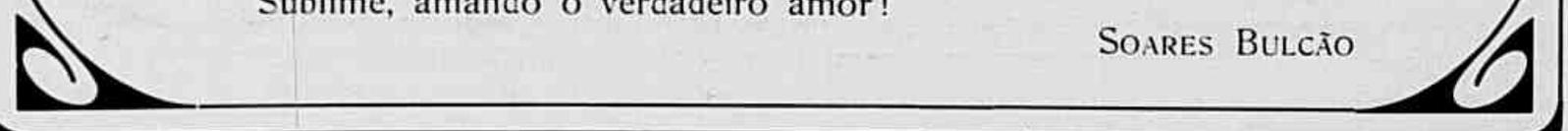
E, tatalo do amor, do amor comtudo,
Foste o sereno paladino e crente,
Por elle á voz do orgulho foste mudo,
A' intriga e ao preconceito indifferente:

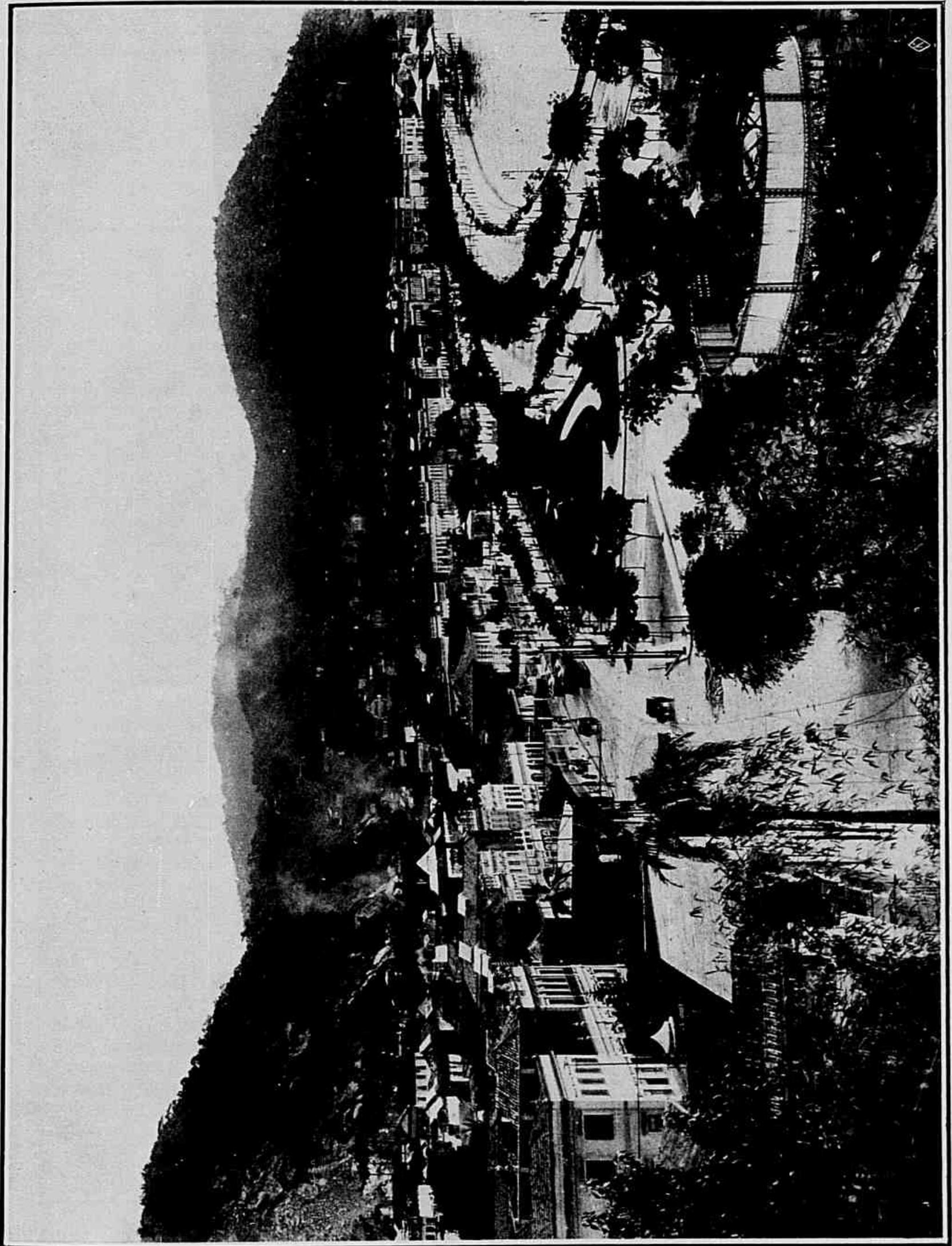
Renunciaste a altivez, o egoismo e tudo
Quanto de humano ideal povoou-te a mente,
Delle fizeste o élmoo, a lança e o escudo,
Por defendel-o, a elle, unicamente.

E, louco heróe de um sonho louco e vão,
Da descrença fizeste a ultima crença.
Enchendo com ella o proprio coração;

E assim cahiste, eterno sonhador,
Feliz, sabendo amar sem recompensa,
Sublime, amando o verdadeiro amor!

SOARES BULCÃO





VISTAS DO RIO DE JANEIRO — PRAIA DE BOTAFOGO E UM TRECHO DA AVENIDA BEIRA-MAR.



A DANÇA EM PARIZ

PARIZ, a *Ville-Lumière* como insistentemente lhe chama Victor Margueritte, está no goso do seu maior prazer, que é a dança.

Depois do austriaco é o povo francez o que mais dança, e se alguém se lembrasse de aferir o grão de civilização dum povo pela sua disposição dançarina, julgando-a contraria aos requizitos da cultura, a França ficaria na penultima escola do atrazo. No emtanto, quando ella luctava pelo braço dos Turennes, Condés e Luxemburgos, pelo talento dos Mazzarinos e Colberts para marcar suas fronteiras e estabelecer-se definitivamente como potencia, não sabia dançar, assim nos diz mestre Voltaire.

Luiz XIV fêl-a dançar e d'ahi por diante a paixão da dança penetrou no temperamento francez.

E Pariz dança com frenesi. O *cancan*, que o segundo imperio celebrisou com a Rigolcoche, Cora Pearl, Celeste Mogador, de Vère, resume bem a alegria, a leveza, a graça, a loucura risonha e saltitante dum povo; e nunca

culasse de outra maneira. A parisienação do *cakewalk* e do *maxixe* prova-o cabalmente.

Mas, Pariz que ama a dança, Pariz, que tem as coegas da movimentação por musica,



MLLE. KARSAVINA EM "CLEOPATRA"



MLLE. TAMARA KARSAVINA NA DANÇA
"L'OISEAU DE FEU"

tanto gosta de dança como de vêr dançar. Unicamente exige originalidade. Por isso o *cake walk* e o *maxixe* fizeram successo. E por isso o corpo de baile da sua sumptuosa Opera é-lhe tão querido, desvanece-o tanto, quanto a justa fama dos seus theatros dramaticos, que são modelos de arte no que respeita á interpretação e montagem de scenarios.

E não é de hoje essa paixão, vem de longos annos, pôde-se dizer que vem de seculos. A Guimard, a Camargo e a Dorival, são estrellas de primeira grandeza, astros fascinantes da vida de prazeres do seculo XVIII.

No imperio do Cesar corsego Clotilde foi famosa, e é extremamente interessante citar aqui o que um elegante chronista do seu tempo nos conta: "Ella era morena (*brune*), grande, de talhe flexivel e voluptuoso, primando por sua robusta belleza. Despendia um *milhão e setecentos mil francos* por anno! os quaes lhe vinham das mãos do principe Pignatelli, almirante Mazaredo e um fornecedor dos exercitos. Essa commandita chegava apenas para as primeiras necessidades da dançarina. Era um deslumbramento vel-a dançar. Quando Clotilde curvava o busto, descobrindo á platéa, os admiraveis thesouros do seu collo, toda a sala

mais o *can-can* abandonou Pariz, postoquê se modificasse, tomasse outro geito, se desarti-



arrebatava-se. E como ella sabia fazer dançar os *escudos*! As mais bellas equipagens de Pariz enchiam suas cavallariças; sua mesa era maravilhosamente servida. Tambem o ouro custava-lhe tão pouco! Ella viveu como uma rainha e morreu pobre e completamente esquecida..

Pariz sempre teve predilecção pelas dançarinas. Na republica de agora, como no imperio do filho de Hortencia Beauharmais, rainha da Hollanda, as *etoiles* do Opera eram e são o seu orgulho. Não ha muito Carlota Zambelli dominava platéas e corações. Mas, a Cidade Esplendor julgava que em nenhuma parte do mundo jamais se viam mulheres tão bellas e dançarinas tão perfectas como as suas, incluindo as *étoilicules* dos theatros de segunda ordem. E que orgulho, que immenso orgulho punha nisso!

De repente, porem, apparece no palco da Gaité-Lyrique miss Isadora Duncan. Pariz esfregou as palpebras, arregalou os olhos admiradamente: Que! era lá possivel que houvesse n'America uma cousa assim?!

E miss Isadora Duncan ahi estava, como nos diz um chronista: "flexivel, juvenil, e sempre harmoniosa, seja evocando, sob o toucado douro, os jogos das virgens de Chalcis, com os gestos ainda pueris, de que nos dá a illusão no vôo rythmico de uma dança triumphal, ou um joven guerreiro scytha de olhar claro, dentes aguçados, nervoso e cabriolante como uma féra, mantendo fixamente o dardo; seja, em fim, bachante coroada de pampanos e brandindo o thyrsos floreado, como excitada pelo sol e pelo ruido, embriagada do perfume das cubas que fermentam, e deixando-se levar, aturdida, em uma fugida sabiamente tumultuosa, em que os seus véos desprendidos ondulam e se desgremham atraz della como uma nuvem batida por vento tempestuoso.

"Na sua traça, a falange das pequeninas discipulas se precipita; são as suas alumnas, as suas educandas, amimadas como idolos, porque são as suas esperanças; é nellas que Isadora Duncan confia, e pensa transmittir-lhes o ideal da belleza a que devotou a sua vida.

"Vendo surgirem essas dez pequenitas, linda apparição de livre graça, atravez das dobras do bambo pannejamento cinzento que forma o scenario—austera, pobre téla em que, pouco á pouco, ao som de Gluck, ao rythmo das danças, scintilam ao nosso olhar suggestionado os brancos seixos das praias, espalham-se vagas de prata balançando naves sombrias. tremem chamalôtes de luz nas clareiras, — a minha recordação volvia-se para essa noite do recente inverno em que miss Isadora Duncan, prestes a deixar Pariz, me confiava os seus projectos, suas decepções e as esperanças que, apesar de tudo, ella ainda nutre pelo futuro da sua obra, da chiméra que alimenta, atravez tantas difficuldades, de fascinar os olhos dos homens com as bellas visões..

Apezar disso Pariz admirou-a. Ao principio, essa belleza nova, com que não contava, aturdiu-o. Depois, voltando miss Isadora á scena da Gaité-Lyrique foi um successo!

E nem podia deixar de ser assim na Cidade Esplendor. Já vão longe os tempos em que Wagner foi apupado.

Mas, não era ainda tudo, mal havia Pariz recuperado a sua presença de espirito e compreendido a belleza reconstruida no symbolismo de miss Isadora, quando no Theatre du Chatelet appareceu a *troupe* russa, com o seu numeroso corpo de baile.

Parecia-lhe impossivel que esse immenso grupo viesse trazer novidades. Pariz tem o orgulho de conhecer tudo. Em materia theatral a Cidade

Esplendor julga-se a primeira, e tem as suas razões.

Mas, sem que o contasse, o grupo russo começou a representar bailados de Tcherepni-ne, Rimsky—Korsakow, Glinka e Glazounow. Eram extraordinarios, e mais extraordinarios pela riqueza dos scenarios, pelos cuidados da montagem, pela perfeição professional, belleza e mocidade do numeroso corpo de dançarinos!

Um chronista parisiense, penna de um dos mais lidos jornaes da *Ville Lumière*, disse-nos, a este respeito:., Pierre d'Alheim publicou, ha dôze annos pouco mais ou menos, um livro



Mlle. KARSAVINA EM "LES SYLPHIDES"



intitulado *Sur les Pointes*, que era a historia de todas as Russias e da côrte da Russia, viva, illuminada por clarões, os zigue-zagues, os aturdidores e varios movimentos das dansas e dos dansarinos que constituiam uma epopéa intima, galante, alegre e sangrenta do que se chama um corpo de baile. Pois bem, a embriaguez choreographica, que se não pôde explicar senão pela immensa morosidade desse paiz de gelo e de fogo pallido, as alegrias ao mesmo tempo acres, extenuantes e çariciosas, a delicia ingenua e doce, selvagem e quasi animal, arrebatada e languorosa, penetrando na



Mlle. KARSAVINA EM "L'OISEAU DE FEU"

terra para ter raizes e lançando ao céu para encontrar azas, o goso murmurante, desabrido, timido, redomoinhante e sereno; a volupia desfallecida, trememente e angustiosa, cansada e

insaciavel; a febre do movimento e a vontade da immobilidade plastica; a raiva turbilhonante e exhaustiva; o frenesi delirante e a sede de sentimentalidade, tivemos tudo isso em pleno Pariz, a tres passos do Palacio da Justiça, em um accumululo, num *crescendo*, numa rajada, num alvoroço de musica ruidosa, ululante, embaladora, gritalhona, dolorosa e envolvedora, musica aspera e rouca, gemedora e violenta, num tumulto de todos os sentimentos, de todos os appetites, de todas as côres, de todos os ruidos em que o cornetim e a flauta, o tambor e a harpa assaltam o nosso gosto e o nosso coração e acabamos por nos abysmar em prazeres e seducções, em admiração quasi animal e exquisita perturbação....

Foi isso que sacudiu Pariz, que a dominou, empolgou, venceu. E hoje, neste seculo XX que será espantoso, a Cidade Esplendor, a Cidade Luz, que se suppunha a primeira em novidades, a primeira em sensações requintadas ou extranhas, a primeira em tudo e por tudo, e olhava para as outras cidades com um pouco de mal contido desdem, Pariz quêda-se, fascinada, diante da obra ideal de miss Isadora Duncan, uma *american-girl*, que teve a intuição de recompôr a dança antiga pelos desenhos e esculpturas das frisas architectonicas e dos vasos da ceramica grega; e sente as sacudidelas emotivas diante da *troupe* russa do Chatelet, da qual se realçam Melles. Anna Pavlova, Karsorvina e Baldina, bellas e perfeitas, bellas pelo typo, perfeitas pela arte, e esse maravilhoso dançarino Waslaw Nijinsky, que é um assombro de agilidade elegante, de elasticidade plastica, de harmonia nos gestos e nas expressões.

Pariz teve de ceder um tanto no seu orgulho, mas applaude com fervor esses astros do dia, que aquecem e fazem delirar todas as cabeças... E porque não dizer tambem... muitos corações?...

1909

ANDRÉ DE REZENDE





AOS PÉS DA CRUZ

(Da novella sertaneja "Os damnados")

HAVIA noites sem conta que elle vinha gemer aos pés daquella cruz.

Ao começar do momento em que soube estar hydrophobo o cão que o mordera, foram-se-lhe os dias tranquillos de sonho, a paz, o socego, a beata quietitude de sua serena vida de padre matuto.

A principio veiu-lhe uma suave e religiosa resignação, mas os dias que foram passando mudaram-lhe aos poucos a face da alma e, a tragica afflicção de quem sabe que está rondado pela morte, estertorou e rugiu no seu espirito.

la ficar damnado! Não poude mais pregar olhos: de dia, nos affazeres mais firmes, la lhe fugia o pensamento; punha-se a andar agitado, resmungando, a ver á sua frente o negro inferno da desgraça que ia rebentar; de noite mais atormentadora a vida se lhe tornava: passeava de um lado para o outro, ansioso, tremulo, oprimido, as mãos geladas, o cabello empinado de terror, palpitando, sacudindo-se ao mais leve rumor do vento nas ramas, ao mais habitual estridulo dos grillos no tecto.

A morte a todo momento surgia-lhe espantalhante, terrivel, fulminadora. E, a bater o queixo quando a noite era de estio e quente, a tremer de susto quando a natureza inteira era silenciosa e parada, ficava no seu quarto sem poder dormir, andando, gesticulando, ora a espantar-se atôa, ora a correr, a esgueirar-se na parêde, por terem o seu olhos desviados visto num movel, numa camiza dependurada, numa calça, o phantasma de um vulto aterrador.

A's vezes o somno abatia-o: os seus olhos iam-se amortecendo lentamente, as palpebras semicerravam-se como as de um defunto e elle ficava meio acordado meio dormindo, envolto numa vaga madorna; mas de subito acordava, de pé, espantadiço e tremulo nas commoções de um pesadello. O quarto fazia-lhe mal. Vinha então para o terreiro, para a cruz á frente da capellinha, no alto daquelle morro.

E, agarrado ao madeiro, a sua alma voava para o céu nas azas consoladoras da prece, ia para perto de Deus, balsamisada de fé. Brillavam as estrellas no espaço e a aldeia, velada pelas constellações, dormia o somno pacato e bom dos poisos sertanejos.

E elle alli em cima, dominando o povoado que descansava entre os ramos do arvoredado, ajoelhado aos pés da cruz, as mãos erguidas para o céu, pedia. Pedia a Deus, o Deus que elle via atravez de sua fé, misericordioso e omnipotente, a graça de poupar-lhe a vida, a sua pobre vida rasteira e simples e a graça maior de conservar a aldeia que elle amava e queria, que florescera ao influxo de sua bondade e á candura magica de suas palavras, aldeia que elle tinha a esperança de ver um dia transformada em villa, mas que sabia agora que estava toda mordida pelos cães damnados.

A madrugada vinha surprehendel-o naquella mesma posição; joelhos em terra, olhos erguidos para o infinito, num transporte supremo de coração.

A aldeia abatia-se á sua tristeza. Aquelle velhinho de cabellos brancos era a alegria do povo. As suas palavras pareciam feitas de mel, faziam bem ao paladar da alma; a gente sentia ao ouvil-o falar das coisas do céu, a pay-sagem rutilante de um paiz doirado e eterno, onde a vida era eternamente um halo de felicidades. O seu sorriso era que nem o de uma creança: fazia bem ao coração e tonificava as tristezas. E, de toda a sua figura sagrada para aquelle povo, parecia trescalar um aroma estranho e subtil que purificava os sentimentos e abria desejos illuminados,—o desejo de ser-se bom como elle, de ter aquella ternura paradisiaca e aquella virtude divinisdora.

Aquella noite o padre Higino estava mais delirante do que nunca. Haviã passado mais de sessenta dias da tarde em que fôra mordido. As noites sem dormir, a feroz excitação de nervos, tinham-n'o posto como graveto. Os seus olhos, outr'ora risonhos e mansos, afundados agora na cova das orbitas, faiscavam allucinadamente, como se lhes passassem á flor, vagas silhuêtas de vultos invisíveis.

O seu ser tombara numa dolente e profunda melancholia; ha muito que não levava um caldo á bocca; começava a sentir uma leve compressão na garganta; a cabeça parecia querer estalar de dores; a respiração sahia-lhe opprimida e lenta e o pulso batia mais nervoso e mais celere.

Sentia que a raiva ia explodir.

E, no desespero de quem, perdido no deserto vê ao longe a poeira de uma caravana que se afasta, agarrava-se desvairadamente á cruz, apertando-a, como querendo com ella confundir-se, a chorar, a pedir, num pranto despedaçado.

Mas porque era que Deus não lhe poupava a vida? Porque? Seria aquillo castigo, castigo para punir os seus peccados? Os seus peccados! Era humano, tinha-os. Mas, por mais



que revolvesse a vida, as paginas da existencia, não encontrava uma só que tão grande borrão tivesse para merecer castigo tão alto. Desde creança que os seus passos foram sempre a bem dos outros, nunca fizera mal a ninguém e a sua consciencia até hoje conservava a puresa da consciencia de uma creança que não pensa ainda.

E porque era que Deus o condemnava a tanto?!

A lua que ha quatro dias fôra cheia, redonda ainda, serenissima, desabrochada magnificamente como uma camelia de luz, caíava a terra de uma poeira volatisada e lactea.

Tudo estava branco: cazas, arvoredos, o riacho, os morros que ficavam alem, o recorte da serra que passava pelo horisonte, o campo, o valle, os arrozaes e a mata. Alli de cima, do morro, a aldeia apparecia recussitada e clara, Via-se tudo como de dia: a planura do valle: as casas, umas caiadas e outras não, afogadas na folhagem das arvores; os terreiros cobertos de areia, os cajueiros; os mangueiraes; folhas de bananeira, molhadas de orvalho, espelhando á lua, carneiros deitados a relva; roupas nos coradoiros, branquejando, uma ou outra claridade varando as frinchas das janellas; vacas dormindo ao fundo da planicie; adiante: a flavescencia dos arrozaes á cambraia deluida do luar; á escarpa dos morros, aguas lentas descendo escassas, brilhando tanto que pareciam pedaços de espelho; o fumal erguendo as largas folhar en-sopadas de orvalho; alem, o morro enorme que ficava a leguas de distancia, redondo, acaçapado, todo de pedra, lusindo; aqui perto as folhas da canna, como lanças em riste espetando o ar e no fundo a matta, silenciosa, cerrada, profunda e sombria.

O padre Higino fitava tudo aquillo numa desesperança de quem sente sobre a vida a primeira foiçada da morte. La estava o seu sonho, a aldeia. A sua unica ambição na terra era ver aquelle povoado florescido numa villa, gente a ferver nas ruas, escolas cheias de creanças, a igreja cheia de povo, toda gente unida, a querer-se como um só familia.

E sentado aos pés da cruz não tirava os olhos do valle. Alli estava! Uma rua alli, outra rua acolá, esta cortando aquella, aquella cortando a outra, um largozinho bem ao meio, plantado de flores, lampeões pelas ruas, as casas caiadas, cobertas de telha. La estava a villa! Era alli, era alli a escola: uma porta muito larga, o quintal varrido, a pequenada a correr, a saltar como passaros num viveiro.

E la estava uma procissão a passar. Que bonito! Creanças á frente vestidas de anjo, tochas accezas, o andor aos hombros de raparigas, elle sob o pallio doirado e o povo

atrás, *Tara-ta-tchim!* Olha a banda de musica, os instrumentos de metal reluzindo, os pratos a bater, *Tchim-tchim-tchim!* Que bonito! que bonito! *Tan-dala-lan-tan!* Quanto sino pelos ares. Deus do céu!

E todo elle ria-se allucinadamente inebriado. *Pum! pum! pum!* Arre, quanto foguete, quanto foguete!

E levantando-se, a esfregar as mãos, vinha até a barreira e gritava para baixo, entusiasmado:

— Isso, minha gente, isso! Assim é que eu gosto de ver!

E despertava. Reconhecia que tinha cahido em delirio e recuava cheio de susto, sentindo que era a molestia que mais proxima se chegava. E de novo, abraçava a cruz, chorando. Mas em pouco os seus olhos iam-se voltando para o valle. Alli, alli mesmo, bem alli o talho. Xi, quanto povo! Que confusão medonha!

— Uma libra de carne!

— Meia pataca de miudos!

— Não quero só osso!

Olha o açogueiro lá dentro cortando a carne com a machadinha! olha a Joana Baleia, sacudida, voseirante, a empurrar o que encontrava á frente! olha o malandro do João Gogó a comprar a sua librasinha de carne! olha o Fabiano a levar para casa as mãos de vacca para o mocotó!

E afastando-se da cruz vinha gostosa e es-pertamente gritar á barreira do morro:

— Venda essa carne direito, seu açogueiro! Não roube o povo!

Bem alli, bem alli onde ficava aquella arvore— a botica. Noite, e noite de lua; muita gente sentada á porta. Elle joga a "dama", com o boticario:

— Coma senão eu sopro!

— Se mexer para a direita como-lhe trez.

— E' obrigado a comer e cubra a pedra que fiz a "dama",.

E olhem, olhem a agencia do correio! Lá está o estafeta com o sacco ás costas, cheio de cartas! E eil-o que vae de casa em casa, berrando nos corredores:— O correio! o correio!

E com uma alegria estranha chegava á la-deira, bradando pelo silencio da noite:

Não tem carta p'ra mim? não tem carta p'ra mim?

Bem alli assim, naquelle lugar—a casa de negocios. Que casa grande! Peças de chita pelas prateleiras, lenços de cores, colares de conta, brincos, cosmeticos, vidros de agua de cheiro, rendas, tudo.

A' porta chegam cargas e cargas de algodão, de arroz, de farinha. Os caixeiros não têm um descanso. E' um medir sem conta de chita, é um vender sem conta de collares e



rendas. Olhem alli o Elesbão a fazer o sortimento para a familia! o Pedro Surubim a comprar uma saia para a amazia! o negociante a não querer fiar um colar vermelho que o Chico Nunes quer dar á mulher.

— Eu me responsabiliso pelo rapaz! Pode vender! berrou desvairadamente para o fundo da aldeia,

E cahiu em si. Estaria delirando, sim!

Sentia que era a doença que havia tomado conta de seu corpo. Voltaram-lhe naquelle momento todos os lampejos de lucidez. Perdido! Sabia os incidentes ferozer da molestia, os seus sulcôs crueis, a sua explosão, o seu epilogo infernal. Mais dois ou quatro dias estaria morto.

O luar continuava ensaboando a terra de alvuras. Havia pela natureza a magestade desses silencios emotivos das horas altas, silencios que abrem todos os pombaes da saudade e volatisam a alma para as ascenções dos sonhos, silencios que fazem bem, que amaciam e confortam e põem a gente recostada deliciosamente nos coxins macios das recordações.

Um cão uivou pela noite. Era um uivo estrangulado, estranho, de fazer impressão na gente.

Sentiu um arrepio no corpo. Aquillo era o uivo de um cão damnado, mais outro cão que enfermava para a desgraça da aldeia.

Lá no valle um vulto se movia agitado, a espinotear, a correr desembestadamente.

Aquillo despertou-o; não tirou mais os olhos do vulto. Era um garrote a investir para os outros garrotos, a pular, levantando ondas de poeira, berrando miseravelmente. As vacas que estavam deitadas á relva, tinham-se erguido apavoradas, bezeros fugiam para a floresta e o touro, fungando, chifrava aqui, chifrava alli, cavando a terra com as patas, urrando, urrando.

Compreendeu tudo. Era algum touro mordido pelos cachorros damnados que havia damnado tambem.

E viu o animal aos pinotes sahir pelo campo enluarado, a correr de cabeça baixa, ora erguendo a cabeça, a cornear as arvores, as toiças, até sumir-se pela matta.

O padre Higino veiu sentar-se desalentadamente ao pedestal da cruz. Estava a sua aldeia perdida! Até os bois começavam a reinar.

E chorou. Fizeram-lhe bem as lagrimas. Uma saudade intensa do passado, deixou-o absorto como que adormecido dentro della. Ficou a lembrar-se dos tempos de creança, da quadra desprendida das calças curtas, em que brincava na villa em que nascera. E o passado lentamente deslisou aos seus olhos. Viu-se

em pequeno correndo pelo campo, perseguindo as borboletas á beira do rio, a armar as arapucas para as peçoapás, a pescar de caniço nos riachos e toda manhã a seguir para a escola, com o livrinho debaixo do braço. Viu-se ao regaço materno, ao batente de sua casa ouvindo as historias de Trancoso, as estrepolias de Pedro Malazartes, os contos fulgurantes de princezas encantadas e dragões sinistros que punham labaredas pelas ventas. Viu-se maior, aos treze annos, olhando os sambas que se faziam á latada nos terreiros, em maio. E, sem querer, passou-lhe á lembrança um vulto de mulher. Era a Deolinda, cinco annos mais velha do que elle, a camponia mais querida pelos rapazes da villa. Não sabia porque ella cercava-o de carinhos. Quando passava á sua porta, de volta da escola, a moça chamava-o, tinha sempre uma fruta para dar-lhe, um arranjo a fazer-lhe na roupa. Tratava-o de “namorado,” e, as suas palavras eram de tal forma febris, e ardentes que já naquelle tempo lhe faziam mal.

Uma feita pescava á beira do riacho. Estava sosinho. Uns pés que se approximavam, vinham machucando as folhas seccas. Voltou-se. Era a Deolinda, morena, rochochuda e vermelha, a chamal-o por traz de uma arvore. Aquillo enleiou-o, o sangue pareceu fugir-lhe das veias. A camponia approximou-se com aquelles olhos fusilantes, pretos, perigosos como que feitos de febre e de peccado. Elle, de cocoras á beira d’agua, alli pregado, balbuciava confuzo:

— Não vou, não vou!...

Ella chegou-se, levantou-o e apertou-o nervosamente nos braços. Elle estava embezerrado, pallido, tonto, murmurando:

— Você me largue, você me largue!

A moça continuava a apertal-o e, levando a bocca a sua beijou-o, beijou-o ás pressas, devagar, a vontade, mordendo-lhe os beiços.

— Você me largue, você me largue!

Já duas lagrimas lhe brilhavam nos olhos e os seus labios começavam a tremer para chorar. Foi isso que a fez deixal-o.

O padre Higino repelliu com repugnancia aquella recordação. Era a segunda vez naquella noite que aquillo lhe vinha á memoria. E não quiz mais lembrar-se de tal coisa. Guiou o pensamento para a quadra do seminario, para os primeiros ardores pelos livros santos, para a vida religiosa e lenta dos corredores sombrios, para as orações feitas em commum na capella, á luz dos cirios. Viu a cerimonia da sua primeira missa, a igreja cheia, harmonios a gemer no côro, leques, plumas, a agitar-se na nave.

Mas em pouco o seu pensamento foi-se libertando, andou por outras reminiscencias,



fluctuou por outras recordações e veiu, veiu de novo poisar na Deolinda, na scena peccadora do riacho, nos beijos febris que ella lhe dera. Repelliu. O pensamento foi-se, correu, viajou, rufou as azas por trechos de vida que elle tinha já por apagados e vòltou, vòltou para a rapariga camponia, para o riacho, para os passos ouvidos nas folhas seccas, para a figura da moça a chamal-o tentadoramente por traz da arvore, para os abraços estrangulantes, para os beijos fogosos e tontos.

De novo procurou afastar-se do abysmo de perdição. Porque era que aquella pagina de meninice que já tinha como rasgada no fundo do esquecimento, agora se lhe apresentava aos olhos, lucida, inteira, luminosa e flamejante?!

E quiz distrahir-se, pensar em outras coisas, mas a recordação vòltava, insistente, perseguidora, a embriagal-o. Agora já não tinha mais ardor em afastal-a, demorava-se a revel-a, descobrindo-lhe escuros que se iam aos poucos aclarando, desvendando minudencias, cada vez mais ebrio por ella.

E por mais esforços que fizesse para esquecer-se, por mais que divagasse, o seu pensamento vinha sempre para derredor daquelles beijos. Via tudo, tudo: o riacho com a sua agua clara, deslizando pela negridão das pedras; a tarde doirada e fresca, o ramalhado das arvores, o cicio das brizas... E ai! que alguém vem pisando nas folhas seccas! Psiu, psiu! Lá estava a Deolinda, morena, palpitante, com aquelles olhos perigosos... Psiu, psiu! Não vou, não vou! E eil-a que se chega, levanta-o, aperta-o, beija-o, beija-o...

E todo elle está preso por aquella reminiscencia, não mais quer della sahir, a retocal-a, a brunil-a, a illuminal-a num transporte de carne. E tornava-a a construir e vinha, vinha até chegar aquelles beijos e ahi ficava remoendo-os, fruindo-os, gosando-os, inebriado e baboso. E os pontos escuros se

apresentavam como esbatidos por um jorro de luz: via a Deolinda, tal qual, com aquelle rostinho de jambo maduro, aquelle sorrizo quente que deixava ver os dentinhos brancos. Lembrava-se: ella estava com um casaquinho de pintas, um casaquinho aberto ao seio que punha um pedaço de camisa a amostra e mostrava a esplanada trigueira do collo; a saia era de listões, uma saíta curta que descobria a perna carnuda e nua.

Agora era elle que procurava não mais sahir do halo de seducção. Insistia em alli dentro ficar, voluptuosamente, catando pormenor a pormenor, revendo-os um por um, examinando-os, fruindo-os. Sentia no corpo a pressão dos braços da camponia, arrochando-o, como se fosse no momento em que ella o abraçara; vinha-lhe á bocca o travo sensualisante dos seus beijos de fogo e deixava-se queimar por elles, vagarosamente, espiritualmente, como se estivesse sendo beijado. As suas narinas dilatavam-se. Aspirava o cheiro que o corpo da rapariga trescalava no momento em que elle o tinha nos braços e ficava a gosar aquelle aroma como quem tivesse a dona delle ao lado. Chegavam-lhe influxos violentos de lascivia; parecia que um outro sangue, um sangue novo de mocidade e febre, corria-lhe em caudal pelas veias. Os seus nervos eram outros, nervos de gente moça; a sua carne estava, em arrepios e gritos de desejos.

E a imaginação trabalhava. A Deolinda triumphava, mais cheia de brilho, illuminada por um fulgor que não tivera nunca, mais formosa, mais tentadora, mais sensual e irresistivel. Agora elle era quem a arrochava nos braços babando-a, a beijal-a, a mordel-a, aspirando-lhe em sorvos o cheiro atontante de carne nova, fossando-a, fossando-a como um porco fossa a terra...

VIRIATO CORREA





EDGARD POE



ERA de 1909 foi fertil em celebridades mundiaes. Não fosse a astrologia uma sciencia decahida, e seria curioso fazer o estudo retrospectivo das influencias celestes e conjunções dos astros nesse anno notavel que produziu Darwin, Gladstone, Tennyson, Browning, Mendelssolin, Proudhon, Chopin, Lincoln, Holmes e o famoso poeta e novellista Edgard Alla Poe.

Celebrando, com desusada solemnidade, o centenario de Edgard Poe, os americanos procuram solver, embora serodiamente, uma divida de justiça para com o seu infeliz compatriota.

Como preliminar ás ligeiras considerações criticas que suggere a obra do escriptor americano, convem lembrar, da sua biographia, alguns traços que servem de commentario e de certo modo contribuem para a interpretação dessa extranha personalidade litteraria.

Edgard Poe nasceu em 19 de janeiro de 1909. Menos feliz que Homero, apenas duas cidades lhe disputam o berço — Baltimore e Boston. Segundo a versão common, reeditada ha dous mezes por uma sua parenta, num magazine americano, o poeta viu a luz em Baltimore. Outro escriptor roivindica a honra para Boston, estampando a noticia da gazeta local que se congratulava com os frequentadores do theatro pelo restabelecimento de Mrs. Poe e sua proxima appareição no palco, na noite seguinte. Nascido em 1809 ou 1813 como se acreditava, sem que o poeta se incommodasse em rectificar, era filho de David Poe e Elisabeth Arnold, actriz que desfructou certa notoriedade na sua epocha e da qual herdou, com a imaginação phantasista, os traços physiognomicos de que se mostrava vaidoso. Morreram-lhe os paes cedo, deixando-o orpham em tenra idade. O joven Edgard não ficou porem ao desamparo. Acolheu-o um rico amigo da familia, Mr. Allan, que se incumbiu da sua educação, deixando-o, de passagem pela Europa, em um col-



EDGARD POE



VIRGINIA CLEMM

legio inglez nas proximidades de Charlottesville, onde se portou tão turbulentamente, que foi despedido, apesar de sua viva intelligencia e progressos nos Estudos. As suas esturdias o impelliram a deixar a patria, para uma accidentada peregrinação na Europa. Esteve nas fileiras gregas combatendo contra os turcos, vagueiou na Austria e na Russia, e indo dar a Petersburgo, sem recursos, foi repatriado pelo ministro americano.

De regresso ao seu paiz, dispoz-se a encarar seriamente a vida, e entrou para a escola militar de West Point, onde fez bons estudos de sciencias physicas e naturaes. Para logo o seu genio irrequieto e incompatibilisou com a disciplina do estabelecimento, e foi tambem despedido.

Nessa epocha o seu protector, que enviara, casou-se de novo, e Edgard, rompendo com a sua familia de adopção, se atirou á vida das letras. O seu primeiro volume de versos, publicado em 1832, passou obscuramente, sem successo. Já então o assediava a miseria, mancomunada com o alcool. Vegetava o infeliz

poeta em Baltimare, numa epocha em que o talento litterario, no seu paiz, conduzia mais seguramente á fome que á gloria, quando o encontrou o editor Thomas White, que lhe confiou a direcção de uma revista em Richmond.

Nessa revista publicou elle os primeiros contos que lhe attrahiram rapidamente grande notoriedade, e, julgando consolidada a sua situação na vida, casou-se, por

afeição, com sua prima Virginia Clemm. Deixando, depois de dois annos, a revista que lhe garantia o pão, a discordia, conduzida pela miseria e pelo alcool, se introduziu no seu lar. O genio do poeta se tornou acre e desabrido. Dissemina dos pelos seus contos deixou traços de violentas scenas domesticas, particularmente no *Gato Preto*, extranha narrativa repassada de sincero remorso, onde elle deixa escapar a triste exclamação: "Que molestia ha comparavel ao alcool!"

Morre-lhe a esposa, e após algum tempo de vida accidentada, cortejou uma admiradora romantica, Sarah Osgood, com a qual chegou a se ennoivar. Mas o poeta, que guardava sempre uma fidelidade sentimental á memoria da infeliz Virginia, num acesso de alcoolismo,



talvez de remorso, rompeu o compromisso. Entre esse episodio e sua morte precoce, Edgard Poe andou por diversas cidades, vivendo da penna e realizando conferencias nas quaes lia, com successo, suas poesias e contos.

Numa viagem de Richmond a Nova York o poeta passou em Baltimore. Nessa cidade, testemunha dos seus primeiros annos de bohemia, o infeliz tresnoitou pelas ruas, ás quaes andavam ligadas algumas lembranças suaves e muitas amargas de sua vida, e na manhã seguinte foi encontrado moribundo, na calçada. Conduzido ao hospital, falleceu. Completara apenas quarenta annos.

A obra de Edgard Poe é o rastro das amarguras da sua accidentada peregrinação na terra. Sacudido, quasi desde a infancia, contra as arestas duras da vida, o seu espirito, em perpetua revolta, recusou sempre curvar-se á realidade. A sensibilidade doentia que herdara da mãe, aggravada pela excitação do alcool, levou á mais alta tensão a fibra esthetica do infeliz poeta. Impressões vulgares eram transformadas, pela sua imaginação, em idéas perturbadoras, como sons tenues que, exaggerados pelo microphone se tornam estrondos.

A maior parte da sua obra, artificial e morbida, tem sido contestada até hoje pelos mais eminentes homens de letras seus compatriotas. E' interessante notar que, ainda quando a Europa amplificava os meritos de Poe, sagrando-o o mais alto representante da literatura americana, acima de Emerson e de Longfellow, o seu valor como artista decalhia nos Estados Unidos.

A celebridade européa de Poe é devida, em grande parte, a Baudelaire. O escriptor americano encontrou no traductor um artista de intimas afinidades estheticas, que transportou para o francez as suas phantasias macabras com o mesmo colorido e talvez maior vigor. O inglez, idioma inimizavel para as suggestões asperas e fortes, foi nessa experiencia feliz, igualado pela lingua de Lamartine. Nenhum escriptor mais bem talhado para traduzir *O caso de M. Waldemar* que o autor de *Une charogne*.

Depois de conquistar a Europa e se irradiar a outros continentes, a fama de Edgard Poe abriu finalmente uma brecha na sympathia da nova geração americana. Essa consagração de torna-viagem encontrou impugnadores resolutos, mas os festejos do centenario provocaram

uma especie de plebiscito ao qual accorreram com seus depoimentos innumerous homens de letras, e cujo veredictum foi o seguinte: os Estados Unidos não accitam Edgard Poe como genio, embora lhe reconheçam notavel talento literario.

Fóra da sua patria, o genio de Poe tem permanecido intacto, na opinião conteste e uniforme dos criticos. Apresentado á Europa e ao mundo com a apologia preliminar de Baudelaire, a tendencia natural do espirito para repousar sobre os juizos feitos tem retardado a revisão da sentença.

Não sendo critico por inclinação nem de officio, nem por isso julgo impertinente aproveitar o ensejo para expor ligeiramente os comentarios que me suggere a obra de Poe.

Póde-se distinguir, nesse escriptor, o produtor do poeta. Embora refusando a sua theoria, que "a poesia nada tem que ver com a verdade, que só lhe concerne o bello e que

sua mais elevada expressão é a nota da tristeza," prefiro nelle o poeta. Ahi tem elle lampejos de genio. Domina em geral nos seus cantos a nota melancholica, mas de emoção humana, penetrante, suggestiva. Demais, elle possui completamente a technica do verso, no qual introduziu, como elementos de effeito, o som e a disposição dos vocabulos. As suas poesias, muitas dellas, são perfectas obras d'arte cuja facilidade apparente encobre o trabalho torturado e minucioso do cinzel. Além d'*O Corvo*, vulgarisado na traducção primorosa de Machado de Assis, são dignas de menção as poesias *A Helena*, *O Palacio assombrado*, *Os sinos* e outras.

Nos versos *A Helena*, inspirados por Sarah Osgood, na epocha em que a cortejava o poeta, lê-se esta bella estrophe:

On desperate seas long wont to roam,
Thy hyacinth air, thy classic face,
Thy Naiad airs, have brought me home,
To the glory that was Greece
And the grandeur that was Rome.

Egualmente bello é o poema *O Palacio assombrado*; principalmente a ultima estancia:

And travellers now, within that valley,
Through the red-litten windows see
Vast forms that move phantastically
To a discordant melody;
While, like a gastly, rapid river
Through the pale door,
A hideous throng rush out for ever,
And laugh — but smile no more.



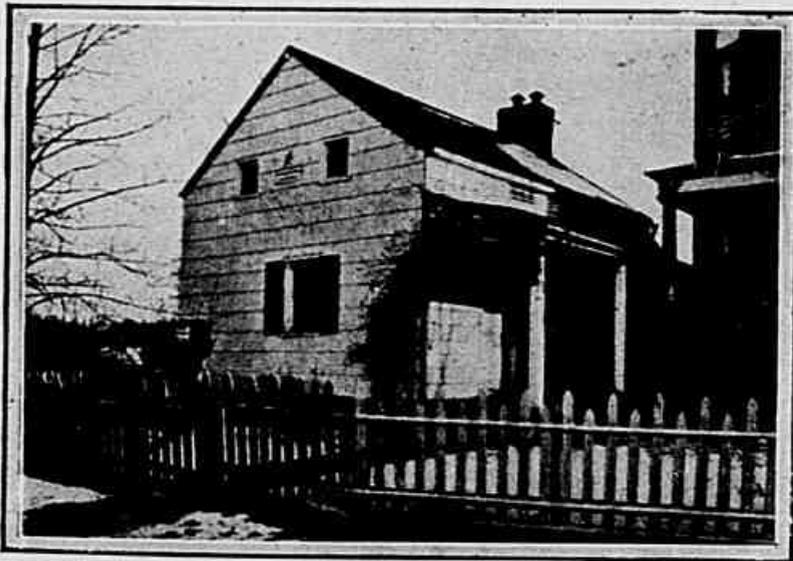
MRS. SARAH OSGOOD WHITMAN,
INSPIRADORA DO POEMA "TO HELEN"



Se o poeta deixou um escriptorio apreciavel, no qual reluzem gemmas de valor, o novelista não accrescentou brilho sensivel ás letras americanas nem ao seu nome. A sua imaginação, sempre prestes a desgarrar, encontra na forma do verso, nas contingencias metricas, um obstaculo efficaz que a contem nos limites do razoavel. Desprendida porem a penna desses entraves, não ha soffrear o delirio morbido que a leva a extravar e transpor as raias do verosimil.

O finado naturalismo se exculpava das incursões ao lenteiro das ultimas decomposições moraes, allegando que traduzia scenas da vida. Convincente ou debil, é uma justificativa. Escolher, porém, no immensuravel dominio da phantasia o superlativo do horror, do crime, da abominação e repisar esses themas com minucia requintada, ultrapassa a liberdade tolerada á arte. Comprehende-se que esses desregramentos arrebatassem o autor das *Flores do Mal*, afinado espiritualmente com Edgard Poe e a elle vinculado por tantos pontos de contacto. Os annos passaram sobre essa obra malefica e, perdido o sabor da novidade, a critica ponderada e neutra lhe assignou o logar entre os productos de scepticemia intellectual, *aegri somnia*, delirios de enfermo.

Não na ha obra de Poe caracteres normaes, figuras verosimeis, typos que não sejam desproporcionados. São todos caricaturas, macabras ou grotescas. Os proprios scenarios, as paysagens, são desconformes. As situações tragicas,



A CASA DE EDGARD POE EM FORDHAM N. Y. ONDE O POETA VIVEU DE 1844 A 1849

ou com intenção a tragedias, consistem numa successão mechanica de terrores sem causa, de calafrios espontaneos, de pavores inuteis que se prendem uns aos outros e descaem de repente, como as engrenagens de um machinismo que pára de subito. Um personagem se abeira de um lago tranquillo e é tranzido de terror;

outro se achega a uma arvore, e o medo o regela; encontram-se dois amigos que se não veem desde muito, e são ambos immediatamente salteados de pavor, de assombro, de pensamentos funebres. E' incontavel o numero de vezes que se repetem nas suas paginas as palavras *terror, dread, horrible, awe* e outras semelhantes.

Abra-se um conto ao acaso: *Morella*, por exemplo, por ser dos mais breves. O assumpto é o seguinte:

Morella é uma doce creatura, a cujo lado o narrador se compraz, embebido na musica da sua voz, "até que a melodia fique infectada de terror". Morella é de erudição profunda; discute a palingenesia e doutrinas de Fichte e Schelling. Subito, elle é accommettido de intensa repulsão por ella, a ponto de "desejar devoradoramente a sua morte". Mas a doce creatura definha vagarosamente; a delonga o impaciente e "com alma de demonio, maldiz os dias, horas e minutos", que parecem protejar o seu termo. Ella morre; "depois de morta lhe nasce uma filha", pela qual o narrador experimenta "um amor mais ardente que o que se julgaria capaz de sentir por qualquer habitante da terra." A menina cresce sem nome e sequestrada do mundo até aos dez annos, revelando cada dia mais parecença com a mãe. Essa semelhança, tão natural, provoca no autor "pensamentos tumultuosos, terriveis", calafrios, etc. Aos dez annos, resolve-se a baptisal-a, vacilla indeciso entre varios nomes, afinal "um máo espirito o inspira das profundezas da alma", e "sob a abobada escura, no silencio da noite, elle murmura ao ouvido do pastor: Morella!" Immediatamente a creança revira os olhos, tomba prostrada sobre as lages negras da sepultura da familia e exclama: Eis-me aqui! Estas palavras "penetraram distinctas, friamente, tranquillamente distinctas, no ouvido do narrador, e, como chumbo derretido, rolaram sibilando para o cerebro". A menina está morta; elle a conduz com as proprias mãos para a sepultura e ri "dum amargo e longo riso", ao verificar que no tumulo onde depõe a segunda Morella, não existem mais vestigios da primeira.

A emoção, a suggestão, o bello dessa narrativa será talvez accessivel aos iniciados. O leitor commum continuará a julgal-a delirio incoherente.

E' esse o veio mais lavrado nos contos de Poe. Nas experiencias humoristicas—esse grande hypocondriaco tentou cortejar o riso!—o seu máo exito foi flagrante. *O Diabo no Campanario* e a *Aventura de Hans Pfall* são, como tentativas jocosas, insuccesso completo. O seu melhor trabalho em prosa é, incontestavelmente, a *Narrativa de A. Gordon Pym*,

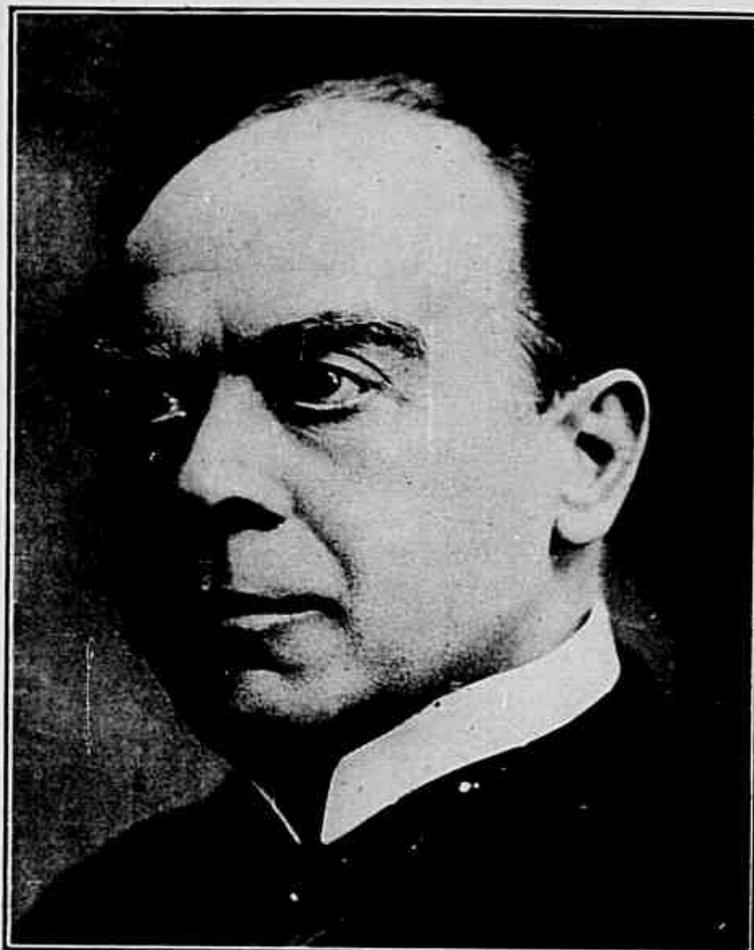


onde estão esboçados, com habilidade e vigor, alguns typos e episodios. Leem-se tambem com prazer e viva curiosidade as paginas onde elle desenvolve as faculdades de analyse e raciocinio, quaes o *Mysterio de Marie Roget*, *Os Assassinatos da rua Morgue* e o *Escaravelho de ouro*, que é uma interessante lição de cryptographia.

Edgard Poe não deixou discipulos. A genese das suas concepções reside na concurrencia e fusão de diversas influencias anormaes, difficeis de se reproduzirem em outro escriptor. Na perversão artistica de Baudelaire, um exame minucioso descobriria talvez o contaggio do seu affim americano; mas alguns de seus processos technicos, o elemento por assim dizer externo de uma parte da obra de Poe tem actuado, a intervallos, sobre autores de indole e genio inteiramente diversos. Julio Verne havia lido e versado certamente as novellas de Poe, antes de escrever *Cinco semanas em balão*, *Vinte mil leguas submarinas*, *Viagem ao centro da Terra*, *O doutor Ox* e outros de seus romances. A mesma fonte visitaram Wells e Conan Doyle, cuja criação mais popularisada — Sherlock Holmes, é um avatar de Augusto Dupin, o raciocinador dos *Assassinatos da rua Morgue*.

Apezar de discutido e contestado, Edgard Poe será sempre uma figura inapagavel das letras americanas. W. C. Brownell que num estudo recente analisa a sua obra, separando, com fino senso critico, o trigo do pais, concentra o seu juizo nesta phrase justa: "Não ha meio mais efficaz de frisar a distincção do genio de Poe, do que imaginar a literatura americana sem elle."

MARIO BRANT



ACTOR EDUARDO BRAZÃO



ACTOR FERREIRA DA SILVA

DIPLOMATAS EXTRANGEIROS

III. — LEGAÇÕES

MUNDANA e aristocratica, a encantadora Petropolis, como se sabe, séde historica dos diplomatas estrangeiros, villegiatura official do Presidente da Republica e officiosa do Barão do Rio Branco, cidade do verão da *set* carioca, é exemplarmente rica em moradas luxuosas e um verdadeiro armorial da nobreza cosmopolita. Ha em cada palacete e em cada villa, em cada *cottage* e em cada vivenda de recreio, o fausto dessa sociedade opulenta e dissipadora, sempre gulosa de emoções fortes e ávida de cousas bellas. Toda a vida dos nossos diplomatas, quer no verão, quer no inverno, é feita ali, e quasi todas as legações, como a embaixada e a nunciatura, têm sumptuosas installações e são representadas com muito luxo.

O Ministro da Austria, por exemplo, possui uma installação principesca, e disputa, com o conde de Herboso, o lugar de conquista nas festas elegantes de Petropolis. Nenhuma legação acreditada junto ao nosso governo, sem excluir a embaixada americana e por maiores riquezas accumuladas na legação allemã, hoje installada no Palacio Isabel, possui as proporções decorativas sufficientes para aspirar egualar-se em sumptuosa belleza a essa vivenda de grande senhor e de sybarita, que é o *petit chateau* Riedenau. Quem uma vez visitou a residencia do Barão Riedl von Riedenau, com vastas salas forradas de colchas da India e de velludos de Arrás desdobrados nos altos muros e baixellas riquissimas, esmaltes de Limoges, louças da mais authentica antiguidade e do mais subido cunho historico nos *dressoirs* artisticos, seus profundos divans de estofa antigo e cochins de preciosos brocados e illuminada por candelabros venezianos e lustres de Florença dos tempos aureos de Lourenço de Medicis, o *Magnifico*, e correr os olhos encantados por essa

morada de principe, desde a bibliotheca até o maravilhoso salão Luiz XV, de uma authentica nobreza, onde a Baroneza Riedenau se compraz em receber na intimidade, desde o salão de bilhar até a casa de jantar em estylo Renascença, nunca a esquece mais.

A bôa fortuna de um homem superior aliada ao gosto requintado de uma esposa intelligentissima, conseguiu no Brazil o milagre de adornar essa residencia com um conforto magnifico, uma soberba comprehensão da vida e uma graça feminil infinita, colleccionando obras de arte primorosas e preciosas peças de mobiliario antigo, reunindo exemplares de tapeçarias e de faianças de um valor inestimavel, formando uma galeria de pintura, onde ha quadros de alguns dos mais celebres mestres da renascença italiana e da escola flamenga, por mais de um titulo notavel.

Quando o criado de libré verde escuro abre os reposteiros de damasco carmezim do grande salão, é a *charmeuse* Baroneza Riedl von Riedenau quem me apparece, gentil e amavel

como essas millionarias do *outramer* descriptas por Bourget, tão attraente na cordialidade natural de sua raça e na simplicidade das suas maneiras. A elegantissima senhora é de origem americana, tem uma educação parisiense e viveu sempre num ambiente de intellectualidade, de mundanismo e de audacia sportiva. Ella é muito formosa, fluida, fina e ondulante como uma flammula, e ama a bôa leitura e o theatro francez, as emoções raras e perigosas do *sport*, e todas essas sensações vagas de que

é feita a vida moderna. Nenhuma sombra de *snobismo* nas suas attitudes de *fluffy ruffles*, nos seus gestos francos e nervosos, nas suas preferencias por todas essas cousas que são o fundo, o corpo, a alma encantadora do mundo onde a gente fina se diverte, se move e se commove.

De um gosto muito esclarecido, exquisito e raro, prodiga e caprichosa, essa dama de tão irresistivel encanto, que sabe manejar o florete com a mesma pericia com que se utiliza do *Kodack* guia um *auto* e joga o *tennis*, possui nada mais nada menos que cinco duzias de Sèvres e porcellanas de Saxe, apparecendo-me sob esse



BARÃO RIEDL VON RIEDENAU — MINISTRO DA AUSTRIA



respeitoso e amoroso aspecto de amadora, como aquella condessa a quem Montesquiou Fesensac chamou *La Dame des Porcelaines*:

Nous vous appellerons: *Dame des Porcelaines*,
Madame; c'est un titre énorme et délicat
Devant lequel, s'il se pouvait qu'on l'appliquât,
Les Elfes du grand Will retiendraient leurs naleines.

Les appellations semblent toutes vilaines.
Près de ce nom, si plein de fleurs de syringat
Et de fleurs de prunier, qu'on le dirait légat
De tout un Printemps bleu dont les mains en sont pleines.

Trente tasses de France, où burent des Dauphins,
Et qui semblent garder, sur leurs rebords divins,
Le baiser délicat de ces petites lèvres.

Trente tasse de Chine, où, parmi des lotus,
Semblent encor courir, sur leurs flancs d'or vêtus,
Les ongles aiguisés d'Impératrices mièvres...

—L'Empire du Milieu fraternise avec Sèvres.

Os Riedenau tem seus salões muito frequentados. A Baroneza attrahe principalmente pela sua alegria espirital, pelo seu permanente sorriso cheio de mocidade e de são humor, e por esse coquetismo irrequieto que perfuma sua radiante belleza. As suas maneiras, os seus gestos e a sua elegancia possuem algo das figuras de Th. Lawrence, e o sorriso de seus olhos azues, onde ha o reflexo de um espirito penetrante e a doçura de uma bondade nativa, e a malicia ligeira que brinca como um guiso ao canto dos seus lindos labios risonhos, fazem della uma Greuze deliciosa. A's vezes, nos grandes *decotés*, vestida para uma grande cerimonia e com a preocupação do *suave austero*, parece uma creação de Gainsborough. Poucos mulheres podem com ella rivalisar na arte difficil de receber, porque ella se esmera tanto na preparação de um *menu* e de um *five o'clock tea* como no arranjo de uma *toilette*. Nas minimas como nas cousas mais importantes da vida ordinaria, revela-se de um sybaritismo requintado, e em Petropolis é o arbitrio supremo das elegancias femininas. As suas fantasias, os seus desejos, as suas coquetarias trazem sempre a *empreinte* de seu tem-

peramento bem singular. Todos se recordam, por exemplo, daquella encantadora festa na *Crèmerie Buisson*, á maneira dos *garden parties* da princeza de Sagan, em que as senhoras levaram chapéus á Directorio.

Como sempre, os jantares são esplendidos, e os barões Riedenau gostam delles servidos a poucos convivas. Aqui cabe ainda um referencia ao serviço de mesa, em porcellanas de Sèvres e da Bohemia, do Japão e da India, um serviço para cada numero do *menu*, ás baixellas sumptuosas, uma dellas magnifica de belleza e de factura, ostentando nos flancos, nas bordas e nos reborbos das peças as mesmas flôres de liz que Germain, o famoso ourives de Luiz XIV, gravou nas pratarias luminosas do palacio de Versailles, aos crystaes da Bo-

hemia e de Veneza, incrustados de filigranas de ouro. Para os finos *lunchs* e as ceias galantes, tem elles um serviço especial e uma sala propria, em Luiz XV. O *bridge* fornece pretexto aos Ministros da Austria para encantadoras reuniões intimas. Foi numa dessas reuniões que ouvi, pela terceira vez, numa romanza nostalgica, o bello canto de Mlle. Gudin e tive a suprema esmola de uma *habanera* tocada ao piano por Mme. Hernan Velarde, a ministra do Perú, que é uma eximia musicista. Nessa noite ainda, enquanto bebia num calice de prata veneziano, em *vermeil* e oiro, de forma esguia, do seculo XV, um licor indiano preparado pelas mãos fidalgas da Baroneza, assisti a um



MISS. LOUISE MAGEL DE PITTSBURGO — ESPOSA DO MINISTRO DA AUSTRIA

curioso torneio de espirito em que o conde de Selir oppunha anedoctas á Brentôme aos versos de Carducci ditos por D. Manuel Multedo. A scena teve lugar no gabinete do Ministro da Austria, que esteve tambem encantador, contando anedoctas da carreira, *gaffes* e *potins* de Petropolis, descrevendo figuras e aspectos da sociedade viennense, e dizendo a vida de luxo que se leva nos castellos da Hungria.

Esse gabinete do Ministro, cercado de lembranças de familia e povoado de recordações



historicas, é uma peça de sobria decoração, onde vi, imponente e severa, em seu labirinto de gavetas, segredos e armarios, com frisos e dourados de sacrario, uma escrivaninha digna da magnificença e da galanteria luxuosa de Ludovico, o Mouro. Trata-se, realmente, de um movel precioso: "é uma dessas curiosidades medievas da fidalga Hespanha, escreve um chronista, em estylo mourisco e madeira decorada, com applicações de aço sobre fundo de velludo *grenat*, cuja parte interna lembra a miniatura de um templo, com columnas torsas de marfim — aspecto este que se transforma quando o tampo pendente, erguendo-se, encobre as gavetas emolduradas, e dá ao movel a fórma de um escriptorio musulmano, com peças curiosas de serrallheria arabe, escriptorio cujo feixe de aço, á fórma de *pichiotto*, lembra o conflicto de duas civilizações na terra do Cid, e cujas alças, de forma característica, fazem suppor a previsão das mudanças repentinas, até a libertação da Granada"... Nas paredes do aposento, figuram os brazões da familia, uma velha nobreza austriaca, alliada ás mais poderosas casas da Hungria e da Prussia, com parentes proximos em varias côrtes europeas e na aristocracia russa, trez exemplares rarissimos de armas de Toledo e dois Gobelinos *d'après* Boucheur trazendo na extremidade as armas dos Riedenau.

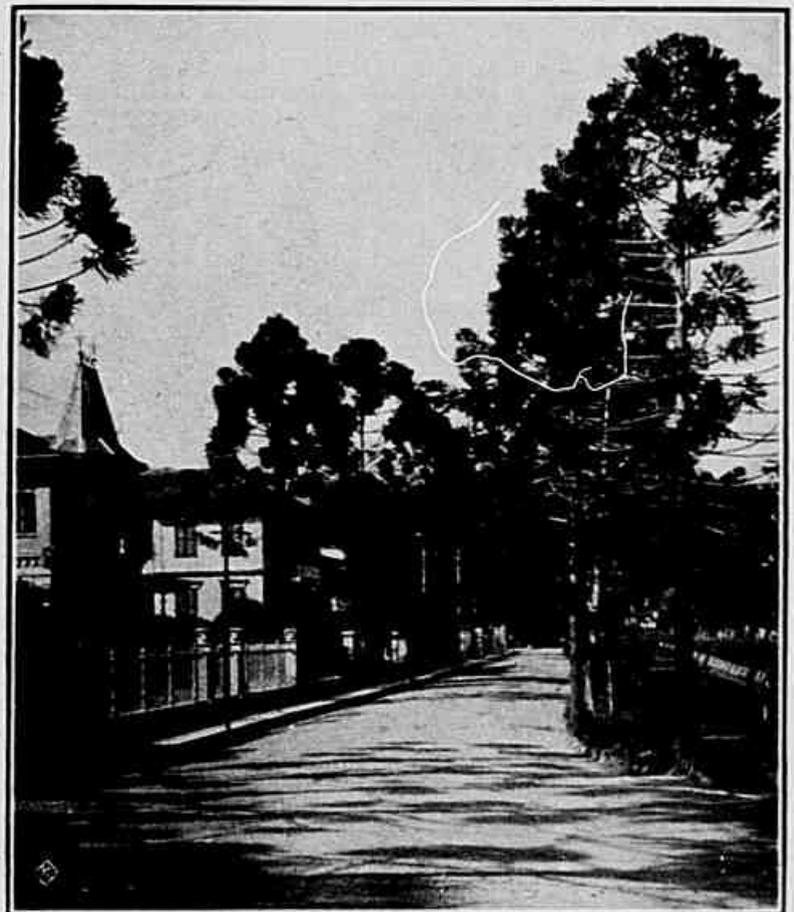
O palacete do Ministro da Austria-Hungria é, na verdade, uma chronica viva dos tempos em que o luxo e a arte andavam alliados para delicia dos grandes sybaritas, e os Barões Riedl von Riedenau, ella, um typo femenino com todas as seduccões e com todas as graças, e elle, um verdadeiro *gentleman*, sem *poses* e sem *raideurs*, simples até ás vezes tomar um aspecto de *bon enfant*, prodigo e correcto, praticando todos os *sports* e fiel ás regras do bom viver, são representantes de uma estirpe nobilissima e de uma civilização superior cuja aristocracia se tornou codigo universal por uma superposição de nobrezas.

A legação do Mexico funciona naquella graciosa villa que serve de residencia á Condessa Ludmilla Bobrinsky. Situada na encosta florida de uma collina, em estylo pompeano, recortando o seu telhado grego sob os arvoresdos illuminados por uma luz de oiro abundante e melancolica, entre os marmores de um parque estylisado e poeticos caramanchões, a *Chaumière* é um mimo architectonico e um encanto como interior. Não podia aspirar morada mais propria a imaginação de um sybarita, que, ao mesmo tempo, fosse um artista.

A condessa Bobrinsky é uma russa educada em Paris, que os acasos de uma viagem e de um amor fixaram no Brazil, esposa de D. Julian Lizardi, ministro do Mexico, uma das

figuras mais distinctas e correctas do corpo diplomatico. Soube crear em redor de si, numa cidade dispersiva e agitada como Paris, uma grande atmospha de sympathia e um grande irradiamento de affectos, e crear em Petropolis, pelos recursos de seu espirito e da sua fantasia de artista, uma imagem perfeita da amabilidade.

Fiel ás tradições galantes da sua casa, ella imprime as suas festas esse *cachet* de arte cujo segredo parecia perdido desde o começo do seculo XIX. De facto, com que fino tacto organisa ella os seus jantares em *petit comité*, com o *menu*, a baixella, a roupa, os crystaes, as louças authenticas de um jantar principesco, as suas *sauteries*, as suas recepções, todas as suas festas, emfim. A sua fantasia encontra sempre uma encantadora novidade, uma belleza inedita, um prazer novo. Por toda a casa se descobre o traço vizivel dessa inimiga irreconci-



A RESIDENCIA DO MINISTRO DA AUSTRIA

liavel da vulgaridade: sobre as mesas, esguias jarras cheias de rosas e orchideas, cravos e hortensias, dispostas por suas mãos, e objectos de arte arranjados com intelligencia. Sempre, por todos os cantos e em todas as cousas, a ordem e a elegancia de um lugar habitado por uma graça.

De sua patria, trouxe esse encanto attrahente, esse espirito fino, essa mistura de dignidade e de graça voluptuosa, inatos no slavo. "Moins vives et moins enveloppantes que les



parisiennes, plus diverses en leurs qualités de nature et de conversation, les beautés russes rivalisaient avec elles de succès dans l'art de plaire, par les différents moyens qu'elles tenaient de leur caractère ou de leur éducation». Não será nunca uma vulgaridade na alta vida de qualquer paiz europeu culto. Na realidade da vida, e isto por circunstancias que me dispenso de enumerar, a verdadeira grande dama tem sido em todos os tempos extremamente rara, e, nesta éra de democracia e de utilitarismo, uma mulher que reunisse todas essas qualidades excepcionaes que constituem a personalidade da alta dama, tal como a evocam a memoria e o passado, é quasi um phenomeno. Nascida



CONDESSA LUDMILLA BOBRINSKY

numa familia de estirpe nobilissima, descendente de Catharina II e de Paulo I, parenta de grãos-duques e principes, marechaes e embaixadores, grandes senhores e vasallos insignes, a condessa Bobrinsky, um dos titulos mais authenticamente nobres do armorial russo, é o typo completo, perfeito, admiravel da grande dama.

Pelo seu nascimento illustrissimo e pela sua fortuna, pela sua figura magestosa e pela sua suprema distincção, pela seducção que se desprende de sua pessoa e de sua conversação, por um não sei que de indefinivel, no qual o

atavismo entra certamente em forte dóse, pelos seus talentos singulares e pelas suas excellentes qualidades de coração, tendo herdado de seus antepassados uma tradição de alta cultura, a Condessa Ludmilla Bobrinsky exerce naturalmente no mundo onde vive uma supremacia moral incontestada, acatada e reconhecida por todos aquelles que della se aproximam. Nasceu para brilhar e dominar, como outras nascem para viver na obscuridade e na submissão, e em toda sua vida de fausto, esplendor e goso requintado tem imperado como uma soberana. No grande centro que é Paris, quasi unico no mundo, ella conquistou a orgulhosa aristocracia do Faubourg Saint-Germain e do Cercle de la Rue Royal, recebeu princezas e marquezas, duques e condes da nobreza velha rocha, tem seu palacete no *Bois* frequentado por artistas, poetas e letrados, gentes do Instituto e membros da Academia, não havendo festa elegante do *grand monde* para a qual não fosse convidada.

Orgulhosa de sua origem nobiliarchica, a condessa Bobrinsky consagra um culto fervoroso a Catharina II, a czarina famosa pelo seu genio, pela sua formosura, pela sua cultura, pela sua galanteria e pela sua obra politica, a *Semiramis do Norte*, na frase de Voltaire, a *Mãe da Patria*, como a baptisaram os russos, a *Grande*, como a chamou a Europa inteira, e cuja vida foi uma longa aventura romanesca, e exquisita. De um temperamento accentuadamente artistico e devotada desde muito á memoria de sua augusta parenta, conseguiu organizar, em sua residencia, um precioso museu onde reuniu tudo quanto se refere a essa epoca que inspirou ao autor de *Candide* o verso celebre:

C'est du Nord aujourd'hui qui nous vient la lumière,

Cofres, cruces com diamantes, vasos de Saxe com inscrições e as armas imperiaes, tapetes do Oriente, camafeos, gravuras e autographos. Impossivel seria, nessa rapida resenha, descrever as preciozidades artisticas que enchem as salas da *Chaumiére*, tantas ellas são, surgindo de toda parte, das paredes e de cima dos moveis...

Os Uchida estão tambem admiravelmente installados. São elles um casal de authenticos japonezes: ella, miuda e fragil, olhos ameados e pés pequenos, cabellos escuros, toda genuflexões e sorrisos, elegante e luxuosa, falando o francez e o inglez com desembaraço, e elle, de estatura mediana, tronco grosso e pernas curtas, os olhos sagazes, o rosto redondo, a bocca risonha, sobrio e calmo como um conselho do *Taikeki*, com uma attitude polida e ceremoniosa, possuindo essa faculdade de assimilação que caracteriza a superior



intelligencia da sua raça, é amavel, cortez e correcto.

Diplomata avisado e habil, tendo muito viajado, no convivio de uma civilização com preconceitos seculares diversos daquelles que presidiram ao desenvolvimento historico do seu paiz, o Ministro do Japão é uma affirmação poderosa de que o japonéz permanece intransigentemente tradicional. A influencia européa não conseguiu transformar a *metarrythmisis* da alma nipponica. Apesar do parlamentarismo e do socialismo, das universidades e das missões religiosas, das modas e das confecções estrangeiras, conserva, no fundo, a intransigibilidade de seu espirito e de suas tradições seculares. O Japão usa dos couraçados, dos parlamentos e das academias, um pouco como nós colleccionamos porcellanas, charões e bronzes. Gomez Carrillo, depois de ter visto com seus olhos de artista, o Extremo Oriente, voltou dizendo: "Tive uma desillusão, porque, em vez do paiz europeizado e americanizado, encontrei o amavel povo dos leques. Loti tem razão contra Leroy Beaulieu. O Iamato é o mesmo paiz dos leques e dos sorrisos. Fóra de Yokoama, que



S. EXA. SADAZUCHI UCHIDA
MINISTRO DO JAPÃO

é internacional, fóra dos methods industriaes e dos systemas guerreiros, que são europeus, tudo o mais continua sendo como d'antes era. Muitas vezes vi, nas ruas de Tokio, a Madame Chrysanthemo, envolvida em seu kimono claro e acompanhada de um samuray, que, para ser um personagem de Kiuiso, só faltava o sabre tradicional, a unica cousa abolida pelo modernismo. O resto — os chapéos de sol de papel, os trajes de seda, as sandalias de madeira, as reverencias, as elegancias, os mimos e as extravagancias — existe como existia a mil annos. O Japão actual é o mesmo paiz de *etagère* que pintaram Loti e Kipling, Larfadio Hearn Parcifal Lowel.

Visitando a Legação Japoneza em Petropolis, onde bebi o verdadeiro *saké*, servido entre cortezes reverencias e kimonos bordados, entre passos bizarramente cadenciados e modos inauditos tive as sensações inexplicaveis que, ha tempos, me deram Loti e os Goncourts, e olhando

aquelles sabres de bizarras fórmãs, aquellas reluzentes armaduras, aquellas mascaras hallucinantes, aquelles Kakemonos e aquellas maravilhosas pinturas espalhadas pelo vasto salão nobre, folheando estampas de Utamaro e de Hokusay, pensei muitas vezes estar na terra dos daimios e das gueshas, em *parcours du rêve au souvenir*. O ambiente tem a côr do azafrão e perola da paisagem japoneza e, no ar, havia como que sons de samisen.

Tudo na legação, desde os mobiliarios até os reposteiros de seda, os divans e os biomboes, desde os tapetes até as lampadas, revela a essencia, o perfume, a musica desse paiz de dragões e de pontes de bambú, exotico e maravilhoso. Graças á requintada amabilidade do ministro Uchida, tive o supremo gôso esthetico de ver, examinar e admirar estampas de Kano, estatuetas de Harainobi, caixas de laca de Ritsuo e leques de Korin, soberbos *panneaux* com desenhos bordados á seda por Mazzanas.



ESPOSA DO MINISTRO
JAPONEZ

Mais do que as porcelanas antigas e as estatuetas de marfim, os charões e as lacas, me chamaram a attenção os seus sabres, os seus soberbos e ricos sabres tradicionaes, com punhos, cinzeladuras e bainhas de laca, extranhos na fórmula e no character, maravilhosos de elegancia e de resistencia, sabres de todos os estylos e de todos os seculos, legendarios e historicos, sumptuosos e crueis, um do seculo X, dos tempos do famoso forjador Muneshika e outro do seculo XI, obra de Yoshibé, sabres de Shumun e de Sanemori, de Mosomuné e

de Sinosoku, sabres das fabricas de Kioto e de Yedo, e notei, encantado e commovido, a maneira quasi religiosa com que os labios do ministro pronunciavam estes nomes e diziam o papel que essas armas representam na historia de seu povo.

No Japão, o sabre é o symbolo do homem, como o espelho é o emblema da mulher, e os japonezes são mais orgulhosos de suas laminas de aço do que de seus templos e de seus monumentos. Tem elle uma longa historia tragica, está sujeito ás regras rigorosissimas do protocollo, mais complicado e estricto que



o do sceptro, necessitando-se, para usal-o, que se saiba a galanteria como a pratica um principe, é um instrumento sagrado de honra e de morte. Os sabres do seculo XVI, seculo de aventuras e de luctas, de duelos e de luctas, de arte e de luxo, de horror e de encanto, forjados por Umedada, Harumitsu, Sukerada, Kujosmitsu e Yazutzugu, adquiriram um valor inestimavel e têm uma importancia tragica. As armas firmadas pela dynastia dos Goto gosam

lhor presente que se julgou digno de Felipe II foi uma colleção de espadas de Mio-tsiu. Nós muito difficilmente comprehendemos a importancia que os japonezes dão ás suas armas. O samuray é o prototipo da dignidade...

Ao sahir da Legação Japoneza, quasi me senti com a alma de *laqueur*, e ainda hoje me recordo do dia em que o plenipotenciario Uchida me fez admirar seus preciosos e veneraveis thesouros, reunidos no pittoresco *hall*



S. EXA. O MINISTRO ARGENTINO E SUA EXMA. ESPOSA E FILHOS

da fama de terem cortado guerreiros que traziam seus corpos defendidos por fortes armaduras. Outr'ora, os armeiros eram considerados como os mais nobres senhores do reino e recebidos na cõrte como pessoas gratas. O me-

semi-europeu de sua nobre residencia, por cujas amplas janellas entravam perfumados dos jasmineiros e das rosas em flôr, os raios de um claro sol estival que acariciava, sem violencia, as superficies luminosas das finas lami-



nas de aço, como que fundidas com o sangue dos heróes...

O sr. Julio Fernandez, ministro da Republica Argentina, é o unico plenipotenciario que tem residencia aqui e em Petropolis, em esplendidos edificios, ambos montados com um luxo discreto e decorados com apurado gosto. Emquanto elle, homem erudito e curioso de tudo, procura estudar a nossa litteratura, a nossa historia e a nossa sociedade, a Emma. Esposa, com a sua graça captivante, a sua distincção e a sua bondade, vai fazendo a conquista da sociedade brasileira sem que para isto tenha de empregar um esforço, simular um sorriso e exaggerar uma cortezia. O ministro argentino sabe que a sua missão, revestindo-se de um alto caracter politico, não pode prescindir da representação social, uma e outra exercendo com fino e notavel tacto.

Para se suggerir as multiplas occasiões que a vida dipomatica offerece de estudo e applicação, intelligencia e actividade, não se necessitaria citar outro nome que o do sr. Julio Fernandez. Durante a sua permanencia entre nós, tem tratado com circumspecção, rara habilitade e summo accerto das questões confiadas ao seu esclarecido criterio. Tem sido a sua missão desempenhada tão a contento dos dois governos, que não é exaggero dizer-se que, até certo ponto, elle é já agora uma segura garantia da cordialidade que deve existir, inquebrantavel e duradoura, entre a patria do grande Mitre e a terra que o genio politico de Rio Branco vem demarcando á golpes de erudição e com palavras de concordia. Todos aquelles que, na Argentina, seguem a luminosa tradicção politica fundada por Bartholomeu Mitre e trabalham para uma politica pacifica, sabiam o valor do homem a quem se ia confiar tão ardua quão altissima missão.

Depois, o dr. Julio Fernandez concebe a missão diplomatica segundo o sabio criterio dentro do qual o seu governo encerrou as re-

lações, os deveres, os fins da diplomacia contemporanea. D. Manuel Quintana, que foi um diplomata emerito, tendo com brilho excepcional representado seu paiz na primeira conferencia internacional americana em Washington, onde o grande estadista Blaine declarou que receiava mais a sua opposição que o perigo das velleidades americanas de hegemonia na America Latina, ao inaugurar seu governo, assim definiu qual devia ser a tarefa reservada ao departamento do exterior: "Já que não temos que empregar nossa diplomacia em velleidades imperialistas nem em combinações de dominio territorial, podemos dedicar o esforço dos nossos agentes no exterior a dilatar a expansão commercial da Republica. Desta obra complexa, que interessa a outras provincias da administração, serão agentes indispensaveis os consules e ministros plenipotenciarios, de modo que os que desempenham estes cargos devem

reunir, para executal-a com efficiencia, condições de actividade, bem como de competencia baseada sobre o conhecimento do paiz e de suas necessidades presentes. "Não ha duvida, que hoje em dia relações diplomaticas significam relações economicas. Por isso mesmo, muito mais difficil se torna nos nossos dias o desempenho de uma missão diplomatica, porque exige, com o tino politico e a boa educação, conhecimentos praticos e estudos especiaes. Oliveira Lima, honra das nossas letras

e da carreira diplomatica, confessa que, nos nossos dias e nas circumstancias actuaes entre nós, o diplomata ideal seria aquelle que soubesse redigir uma nota num francez sem asneiras, formular uma informação, consiza e luminosa, á consulta urgente de um ministro de Estado, e explorar o mercado mais vantajoso para os nossos productos de exportação. Acrescentava elle, porem, que não se aprendem linguas com a simples leitura de passaportes, nem se disseminam borracha, assucar, algodão e café, enfiando meias de seda para ir a concer-



LEGAÇÃO ARGENTINA



tos em Buckingham Palace ou envergando uma casaca irreprehensível nos *cotillons* de Newport. Se o consul precisa, muitas vezes, ser um homem de sociedade, o diplomata, com maior razão, carece de aprender o caminho das bolsas commerciaes. Não pensa de outra forma o illustre ministro argentino, e, na pratica, conserva-se fiel ás suas idéas.

Na sua dupla qualidade de diplomata e de homem de sociedade, é uma figura que synthetisa todas essas qualidades de intelligencia, de caracter e de coração que fazem um *gentleman*. Alto e forte, muito elegante e muito correcto, uma attitude linda, garbosa, tranquilla, aprumada num equilibrio de graça e de força, toda a sua pessoa respirando um ar de grande senhor, o dr. Julio Fernandez é, de facto, uma personalidade attrahente e exerce uma situação conspicua na nossa sociedade. Não ha talvez um anno que reside entre nós, e, no emtanto, as relações que possui são as melhores e as mais escolhidas de que se pode ufanar um estrangeiro.

As recepções de Madame Julio Fernandez contam-se entre as mais encantadoras e harmonizam-se perfeitamente com esse decoro severo, ás vezes esplendido e exquisito, que todos em Petropolis cochecem. O casal Fernandez tem o seu dia na semana, e seus salões, onde uma grande sciencia do conforto espalhou cadeiras commodas de marroquim e verga, sofás longos de estofa antigo de damasco e fundos divans por toda parte, são, antes de tudo, um refugio da bôa *causerie*, porque, realmente, no magnifico palacete do Palatinado se conversa com espirito sem *potiner*. Ao ouvi-lo, na sua bella livraria, onde, na minha ultima estadia em Petropolis, tantas horas encantadoras passei com elle e seu joven secretario José Maria Cantillo, o maior poeta da nova geração litteraria da Argentina, a cada instante encontrava o homem intimo que o physico sympathico suggere: espiritual e amavel, culto e meigo. Sem ser um letrado, estima as bôas letras, aprecia o convivio dos intellectuaes e ama o commercio espiritual dos homens.

Em summa, a legação argentina, frequentada por tudo quanto ha de melhor em Petropolis, pelo sangue, pelo nome, pelo talento e pela hierarchia, é um centro de alta sociabilidade, um ambiente mundano sobremaneira

attrahente, um lugar onde se pode passar as mais deliciosas horas da vida, porque nella andam juntas, consorciadas, a discreção e a elegancia, a sobriedade e o bom gosto, o conforto e a subtilidade do entendimento, e, ainda mais, no seu ambiente, paira a essencia da bondade de dous corações bem formados, nobilissimos.

A legação oriental, installada num edificio historico pelas suas tradições mundanas, é admiravel de *tenue*. O palacete Dominguez está aaranjado com a nobre elegancia e o minucioso conforto de uma grande casa, possuindo uma casa de jantar em estylo Renascença, magnificos salões de baile, ornados com arte e guarnecidos de reposteiros de seda, uma sala de recepções que é um modelo de elegancia, distincção e belleza, um esplendido *fumoir*, adornado de cadeiras e divans turcos em volta de um precioso candieiro de *abat jour*, e uma

vasta bibliotheca onde se encontram exemplares rarissimos de livros de cavallaria e equitação, que denunciam as inclinações do general Rufino Dominguez, militar e letrado que estima os prazeres do *sport* que mais apaixonaram os nobres d'antanho. Não faltam, numas e noutras, os moveis de arte, os contadores hispano-arabes, os aparadores e os buffetes de talha Renascença, os armarios de ebano entalhado, os lustres flamengos de bronze cinzelado, as finissimas porcellanas de Sèvres e de Capo-di-Monte, os crystaes de Veneza e da Bohemia, os tapetes turcos e os pannos de Arrás, as poltronas e os divans de damasco Luiz XV, tudo de uma authenticidade e de um valor artistico inestimaveis, sabiamente dispostos para a intimidade da vida familiar, para a recepção de visitas affectuosas, para o repouso e para o trabalho.

Os seus salões, onde triumpharam nos dois grandes bailes que marcaram epoca na *season* passada, a condessa Mendes de Almeida, alta dama que reúne á mais seductora figura uma grande bondade, a secretaria argentina Mme. Rosa Cantillo, muito formosa e muito elegante, e a bella Miss Louise Magee de Pittsburgo, Baroneza Riedl von Riedenau, a mais radiosa alegria dos salões, valsista eximia e incansavel, que, durante uma noite inteira, sob o esplendor dos lustres, sempre com aquelle sorriso satifeito é flôr dos lindos labios, anima com



GENERAL RUFINO DOMINGUEZ
MINISTRO DO URUGUAY



todas as graças de uma *girl* os bailes de Petropolis,—os salões de Madame Maria Luiza Gomes Cibils Dominguez, repito, são frequentados por todas as bellezas profissionais e por todos os janotas educados na escola das celebres *redoutes* do antigo Cassino Fluminense.

A ministra do Uruguay, que, seja dito de passagem, pertence a duas das principaes familias da Republica Oriental, a familia Gomez e a familia Cibils, celebres pela sua fortuna, pela sua influencia politica e pelo heroismo de muitos de seus membros, generaes valorosos e estadistas eminente, por toda parte sempre muito festejada e muito *en tourée*, é uma senhora intelligente, com uma conversação agradável, variada e curiosa. Não lhe escapa um detalhe de civilidade, de attenção e de polidez na obra de sedução que tece a sua galanteria sem macula. De facto, ella exerce todas essas qualidades em virtude de um dom raro, a *urbanidade*, que a torna uma exemplar dona de casa. “L’urbanité, mot digne et charmant, comme la qualité qu’ il représente, requiert une constante vigilance, qui n’est plus à la portée de beaucoup, et dont les futures générations ne comprendraient plus guère le sens, si Puvis de Chavannes n’en avait tracé le plus séduisant des portraits dans un médaillon allégorique, escreve o conde Robert de Montesquiou. Les places à donner à table, les égards dus aux visiteurs, surtout, aux étrangers, et tant d’autres soins, trop souvent négligés, dans nos pays mêmes, tels sont les offices pratiqués excellentement par la vraie maîtresse de maison,



MME. MARIA LUIZA DOMINGUEZ
ESPOSA DO MINISTRO DO URUGUAY

type qui se fait de plus en plus rare». Ninguém que uma vez a visite—e julgo por mim—poderá esquecer o acolhimento fidalgo, affectuoso e perfeito, revestido da antiga graça que perfuma as casas nobres, dispensado a todos.

Notadamente elegante, o porte gracioso e triumphante, a cabeça expressiva, a generala Cibils Dominguez traz admiravelmente a *toilette*, ora um modelo de Doucet, leve e vaporoso, ora um *tailleur* original de Redfern. Ella ama as joias, os aneis artisticos de Lalique e de Vever, o brilho das pedras preciosas, sabendo, porem desprezar os adereços que não evitam a desagradavel impressão das cousas que gritam seu preço, para usar somente os que se prestam, como seu formoso collar de perolas, a fazer realçar a sua formosura. Deante de um *pendentif* e de um leque, como ordemandando um auto ou um trem de luxo, ella representa uma maneira de ser, igualmente preciosa, da mulher de espirito.

Dest’arte, sua belleza e sua esmerada educação, a graça de seus gestos e a distincção das suas maneiras, e ainda seu gosto refinado que se manifesta tanto na escolha de suas *parures* como na de seus quadros e de suas relações, fizeram de Madame Maria Luiza Dominguez uma das figuras mais notaveis do mundo diplomatico, e todos reconhecem e proclamam seu talento tão pessoal e o *cachet* particular que ella saber dar a todas as suas fantasias.

Ao sahir do grande baile com que este anno eucerrou o casal Dominguez suas recepções em Petropolis, um dos mais luxuosos de quantos tenho assistido, entre a onda multicôr dos vestidos e a impeccavel alvura dos *decolletés*, o esplendor das joias e dos lustres, não ouvia senão exclamações como esta: *splendido, féérique, beautiful*. Ha mister rememtar aos dias radiosos da sociedade do Segundo Imperio e evocar os bailes do antigo Cassino Fluminense, para encontrar exemplos de solemnidades mundanas tão sumptuosas. Na verdade, foi o mais grandioso concerto da opulencia e do requinte, a mais esplendorosa festa do luxo e da elegancia destes ultimos tempos.

Abril, 1909.

ELYSIO DE CARVALHO





O VELHO THESOUREIRO

TODA manhã, ás 10 horas, elle chegava á Repartição vagarosamente, envergando um palitot escuro e surrado. O velho thesoureiro — chamavam-no velho por ter adquirido havia nove annos o direito de aposentar-se, continuando entretanto firme no posto a prestar seus serviços ao paiz — o velho thesoureiro lograva enorme prestigio na Thesouraria do Estado. Mesmo sua personalidade transpuzera aquelle meio humilde de empregados, festejada cá fóra, nas camarilhas mais illustres, como prototypo de honradez e de habilidade profissionaes; ha tempos seu nome varara aquelle recinto e pelo Brasil reboava como o de uma gloria nacional.

Na Repartição todos o amavam. Sabia agradecer os pequenos, e, tratando familiarmente os grandes, lisongeal-os, convencel-os num caso de duvida sobre o mode de organizar um serviço — e os seus alvitres eram sempre seguidos. Como suspeitar de quem, na burocracia carioca, tinha bom nome igual ao de Aristides na politica atheniense de antanho?

Certo, de resto, ninguem cuidava em contrariar-o, e muito menos em desconfiar delle; e assim o velho thesoureiro Joaquim Moniz Telles, sentia a vida declinar, sem um desfalecimento na amizade que lhe votavamos.

Era dos primeiros na entrada. Assignava o ponto, punha mãos á obra, trabalhava rijo; mas tinha sempre, no intervallo das labutações, uma gentileza a dizer que nos captivava, alguma historia a contar que nos fazia rir.

Avizinhandose a hora da sahida, Joaquim Moniz Telles ia, numa ultima inspecção, á Casa Forte. Demorava-se lá dentro. Despedia-se dos que ainda ficavam.

Seus dous fieis eram já partidos de ha muito. Filhos, o primeiro do Director, o segundo de um escriptuario, licito é dizer-se que só a bondade exagerada de Telles ainda os conservava. Eram inaptos para tudo, meio nescios, e acreditavamos que tambem fossem velhacos. Em todo caso compromettiam o Thesoureiro a quem lastimavamos do fundo da alma, pois a ninguém occorria que a indicação do filho do Director fosse oriunda de empenho ou de engrossamento. Ainda nos lembravamos do fiel Novaes, a quem elle demittira, apesar de irmão do Contador. Ninguem protestou. O proprio Contador deu razão ao Thesoureiro.

— Si elle o despediu, disse S. S. com emphase, lá teve os seus motivos. Vou arran-

jar-lhe outra occupação, aqui mesmo, si não magoar o Telles.

Não magoava. Dois dias depois Novaes entrava para a Secretaria na qualidade de encostado, porem nem assim lhe perdoou.

Bem importava isso ao zeloso funcionario. Nomeou para a vaga o filho de um dos melhores empregados da casa, e o mantinha, apesar da impericia deste apenas poder competir com a do outro fiel, filho do Director.

O velho thesoureiro expandiu-se uma occasião diante de nós, que, em roda, escutavamos aquella palavra experimentada.

— O Novaes é intelligente e vivo e intelligente de mais. Queria ensinar-me a marcha do serviço, e o entravava. E' bom rapaz, mas indocil, teimoso e ás vezes inconveniente. Prefiro menos luzes e mais bôa vontade.

— Desculpe-me, Sr. Thesoureiro, respondi-lhe, mas nem acho o Novaes bom nem intelligente. Não é intelligente, pois não comprehende o modo em verdade feliz por que o Sr. administra, e não é bom porque não reconhece a fidalguia de quem o deixou ser readmittido, indo a ponto de insinuar irregularidades na escripturação da Casa Forte. Creio mesmo que, só o não affirma, porque sabe o bom conceito geral em que o Sr. é tido.

— Bom conceito immerecido. Quanto ao Novaes, para não discordar, concedo que seja maldizente; mas é muito talentoso, accrescentou retirando-se.

Novaes approximava-se. Cumprimentou-nos. Nenhum de nós lhe correspondeu a cortezia.

* * *

Joaquim Moniz Telles em frente á minha mesa dava-me bom-dia. Eu, absorto pelo serviço, só o vi instantes depois. Excusei-me e apertei-lhe a mão.

— Quer me parecer que o nosso augmento ainda não passa desta feita.

— Acho que não, Sr. Telles. E' pena. Não sei o que será de nós, si a vida continua a encarecer e o governo a acabrunhar-nos de impostos. E' a bancarrota individual que se aproxima,

O velho thesoureiro nem parecia escutar-me, com um sorriso extranho nos labios. Por fim: — Queixe-se de si, accuse seus collegas de preferencia ao governo. A culpa não é delle. E' de seus companheiros que, mal são nomeados, se julgam ricos, e cazam-se ganhando cento e tantos, duzentos e tantos mil réis. Vem, feita por entre sonhos, a montagem da casa que os obéra durante annos. O ultimo vintem é dissipado a acompanhar o macaco ou a cercar o cavallo. Não accuse o governo! O governo tem outras preocupa-



ções. Leve uma vida modesta. Eu, por exemplo, ganho mais que V.: entretanto não casei, não tenho vícios, e, si não convidado os amigos para me irem visitar é porque no meu lar não ha conforto. De resto, accrescentou, como si eu duvidasse, V. pode ir ver, Amorim. Móro na rua Frei Caneca, mas ningnem entrará na minha casa eu vivo. E' casa de pobre... Graças talvez a minha parcimonia posso de quando em quando servir os camaradas. Estamos no fim no mez, caro amigo, disse-me noutro tom, precisa de algum dinheiro?

Abaixei a voz e pedi-lhe cincoenta. Elle ficou pela Secção, a errar de mesa em mesa, e finalmente foi ter com o Director que o chamava.

* * *

Creio ter dado uma pequena idéa do velho Thesoureiro. Parece que Telles emprestava dinheiro na Repartição—do seu bolsinho particular. Estavamos na sua dependencia, jugo bem doce, pois que o amavamos. Tambem o respeitavamos, e não eramos os unicos a fazel-o. Sei de muito politico, banqueiro, capitalista, que o visitava de mez em mez testemunhando-lhe o maior apreço.

Ora, um dia, 11 horas já haviam soado sem a sua entrada costumeira. Foi um reboiço desusado pela Secretaria. Todos os olhos se levantavam do papel e seguiam hypnotisados os ponteiros.

Doze horas bateram sem que elle viesse. O Contador, chegado havia poucos minutos, estava nervoso, e, com o seu passinho miudo, varias vezes déra a volta da sala, estragando cigarros e remexendo febrilmente as algibeiras. Julgo que se achava a *nenhum* e queria *morder* o thesoureiro.

Em todo caso, a 1 hora, abeirou-se do meu lugar:

— Acho bom, seu Amorim, ir á cata de noticias do Telles: V. sabe onde elle mora, é geitoso...

Não ouvi mais. Tomei do chapéo e disparei, bemdizendo a minha fugaz passagem por um jornal vespertino, ao que eu devia a distincção de ser escolhido para enviado especial do Sr. Contador.

Resolvi caçoar com elle, ir para a rua do Ouvidor, em vez de procurar o Telles.

Engolida porem a primeira cerveja, vieram-me idéas tristes.

Quem sabe si lhe succedeu um desastre? pensava Si eu fosse até o *Jornal do Rio*?...

Tive a sensação de uma catastrophe, ao approximar-me. As portas do orgão da imprensa estavam apinhadas: morrera Joaquim Moniz Telles! Só então pude avaliar quanto era querido, ouvindo todos aquelles curiosos

que sem duvida não o conheciam, unanimes em deplorar a perda que o functionalismo soffria. O *Jornal do Rio*, com toda a sua circumspecção, não hesitara em affixar o seguinte boletim:

“Falleceu esta madrugada, na idade de 69 annos, o Sr. Joaquim Moniz Telles o immaculado thesoureiro da Thesouraria do Estado. O extinto manifestou o desejo que seus collegas e o Sr. Ministro da Fazenda compareçam á sua residencia na rua Frei Caneca, para assistirem a leitura de suas ultimas vontades. Acreditamos que o Sr. Ministro attenderá a derradeira supplica do probo funcionario...”

* * *

Grande ajuntamento fronteiro a uma casa na rua Frei Caneca, assignalava a morada do Telles. A espera do Sr. Ministro, lá estavamos nós todos, inditosos collegas do morto, pranteando-o. Como de rigor, o chefe sobresahia no grupo.

— Hão de ver, asseverava S. S., que o velho thesoureiro deixou uma lembrança para cada um; pelo menos bons conselhos.

A's 5 horas o Sr. Ministro chegou com estrepito seguido de seu secretario e ordenança militar.

Foi-nos franqueada a casa. Escada modesta, uma sala simples, e por fim entramos no quarto de dormir e fechamos os olhos. O resplendor scintillante de dezenas de pedrarias, o brilho das cadeiras tauxiadas, o aveludado dos tapetes, das sedas e demais recamaras juncando o soalho—tudo nos offuscava, cegava, perturbava, embargava-nos o passo.

S. Ex. tinha enrugado os sobrolhos. Franzimos nós tambem o cenho, e amarramos a cara. Duas cousas porem prendiam minha attenção: o cadaver do Telles, vestido com o mesmo palitot escuro e surrado, labios entreabertos num sorriso mysterioso; e proximo da eça uma joven ricamente vestida, alta e loura, de uma belleza mythologica. Chorava. Subito, como que descobrindo a nossa presença, avançou graciosamente até o Sr. Ministro.

— Aqui está o testamento de meu marido, Exmo.

Seu marido! que assombro!... Ia dizer uma semsaboria, mas tive antes o cuidado de olhar para o Ministro. S. Ex. estava carrancudo. Já tinha passado o involucro ao secretario, que começava a ler:

“Cumpre-me antes de tudo, escrevia o Telles, agradecer ao Sr. Ministro e aos meus collegas o seu comparecimento ao apello de um moribundo, agora cadaver. Ides ouvir cousas muito interessantes. Vou contar-vos os primei-



ros annos de minha vida e os subsequentes: explicar-vos o meu procedimento que a alguns parecia digno dos peiores labéos, mas, uma vez defendido por mim, encontrará nos meus collegas e até no Sr. Ministro advogados calorosos.

Principiarei pelo collegio; meu nascimento e a minha estadia em casa são de nenhuma importancia.

Aos quinze annos acabava de ser matriculado na Escola Pedagogica: Como era feliz! Dedicara-me com afinco ao estudo em geral, com amor á historia, cujas bellas paginas aprendia, lia e relia, deslumbrado. Pensei em resurgir os jogos olympicos. A esse tempo, já lá vão lustros e lustros, era habilissimo nos exercicios phisicos. Tinha uma influencia real no pateo, e sempre me escolhiam para capitanear os brinquedos. Não posso fazer-vos comprehender a minha volupia e orgulho, vendo e sentindo aquelles corpos sadios, obediétes ao meu gesto: e, folguedos acabados, ao estudo, abysmar-me na leitura do Cid...

Fiz dous amigos no Collegio, a quem me affeiçoei como Pylades a Orestes. Aliás com todos mantinha relações e de todos era querido, porem o melhor da minha estima reservei áquelles dous sujeitos. Emquanto no Internato, manifestavam-me grande cordialidade; fóra da Escola, atraçoaram-me logo miseravelmente. Tinha vinte annos. Cogitei no suicidio. Pago esse tributo á fragilidade da alma humana, consolei-me, resolvi ser forte, e a ninguem me ligar no mundo.

Ai! Faltava muito penar! Quem pode considerar-se homem si não amou?... O amor veiu. Amei. Fui amado. Teria sido amado? Em todo caso fui enganado. Oh! como soffri! Duas vezes quiz matar-me: uma, ingerindo veneno, que não me offendeu, ante por um somno tranquillo substituiu minhas vigílias; outra, cortando-me com a navalha, em busca da arteria... Não attingi o alvo. Perdi apenas um litro de sangue, e o meu tempo. Padei muito tempo ainda, mas acabei esquecendo.

Completara vinte e cinco annos. Abandonada toda a esperanza no meu futuro sentimental dediquei-me aos meus interesses. Trabalhei, cabalei, intriguei, captei amigos influétes, e afinal me nomearam para a Thesouraria do Estado.

Aqui devo prevenir o Sr. Ministro e os meus collegas que nenhum momento pensei em zelar pelo que me confiavam. Tratava-se somente de operar sem riscos; importava ser astuto. Meu exterior era simples. Insinuante, depressa obtive a confiança de meus companheiros a quem emprestava dinheiro — que elles me pagavam. A fortuna enviou-me os dous fieis de que eu necessitava, aparentados

com o pessoal da casa, e completamente broncos e honestos. Ahi fica a defeza delles, si isso póde consolal-os, para quando for conhecido o grande desfalque. A elles dous nem mesmo adiantava dinheiro. Pelo Novaes estive um dia a pique de ser descoberto. Demitti-o, para evitar complicações. A despeito de tudo, porém, temia os balanços. Alarguei a minha raia de acção. Emprestei a politicos, mediante documentos, que abafariam o processo, na hypothese de virem a ser sabidas minhas malversações.

E, tranquilla a consciencia, resolvi casar-me, o que fiz com a moça que tendes diante dos olhos. Não amei, gozei-a. Dava-lhe o luxo, e ella nem indagava de minhas occupações. Talvez me tome por capitalista...

Ninguem, afora os meus cúmplices, vinha visitar-me. Si o Sr. Ministro tem a feia curiosidade dos nomes, abra um inquerito, mas as pesquisas serão infructiferas: primeiro, porque é fado dos inqueritos nada apurarem; segundo, porque, si algo vierdes a saber, esbarraeis com gente tão grande, tão grande... Talvez até o Sr. Ministro esteja comprometido indirectamente.

Só um receio tinha: ser afastado por molestia da Thesouraria e perder os meus rendimentos. Só isso me assustava, porque, pelas razões expostas acima, deveis estar compenetrados de que me achava ao abrigo dos tribunaes. Não tardei em pôr um remedio áquella incerteza. Tenho neste quarto, tanto em ouro como em valores, cerca de tresentos contos, que me permittiriam acabar a vida modestamente, caso se tornasse mister o meu ostracismo. Lego-os ao governo, do qual espero como reconhecimento, uma pensão á minha viuva. Acabei. Disse tudo o que sabia. A importancia do desfalque não quiz nem pude computar.

Não vos peço absolvição. Quero, sim, rectificação de julgamento. Quando cuidaveis rir de mim por me conservar num posto mal remunerado afim de receber a gratificação — eu ganhava aos contos, mais do que um Ministro, mais do que um Presidente — e zombava de vós.

Quantas vezes, honrado Sr. Ministro; quantas vezes, meus caros collegas; quantas vezes, heroico povo de Sebastianopolis; não vos inspirou compaixão a pretensa estupidez do velho thesoureiro! Chega a minha hora de dizer-vos e ao mundo inteiro: Idiotas!...

A attitude do Sr. Ministro, finalizado o manuscripto, era lastimavel. Mas do seu secretario, preececemente corrompido, pude ouvir, referindo-se ao Telles:

— Felizardo!!

FERNÃO FONTES



CANTIGA DO FAISQUEIRO

Bateando, bateando,
Desde a manhã, ao sol posto,
A faiscar eu não ando
Senão atrás do teu rosto.

Cavo, cavo a grupiára
E a levo ao fundo da grotá...
Acaba a riqueza rara,
Só meu amor não se esgota.

O rio anoiteceu cheio
Porque chorei todo o dia,
E chorei, porque não veio
Ficar commigo Maria.

Maria é minha pepita
De ouro de amor que eu almejo,
Minha bateia palpita,
Quando ella me manda um beijo.

Todo este cascalho immenso
Fica pobre, pobre de ouro,
Quando sonho, quando penso,
No seu amor meu thesouro.

Prometto a Santa Luzia
Dois olhos de ouro massiço,
Teus olhos grandes, Maria,
Hão de ser meus depois disso.



CANTIGA

Menina, não me desprezes,
Eu sou de Minas Geraes,
Tenho roças, tenho rezes,
Tenho datas mineraes.

Dentro da minha canôa,
Quando vogo rio abaixo,
Diante da minha prôa
Ninguem igual a mim acho.

Dá-me os seus peixes o rio,
A praia dá-me folhetas,
E passo noites a fio
Sonhando á luz dos planetas,

Nas missas da freguezia,
Visto camisa engommada
E todos com alegria,
Me vêm fazer embaixada!

Sou cabra limpo e de geito,
Como eu não ha outros mais,
Menina tira proveito:
Eu sou de Minas Geraes!

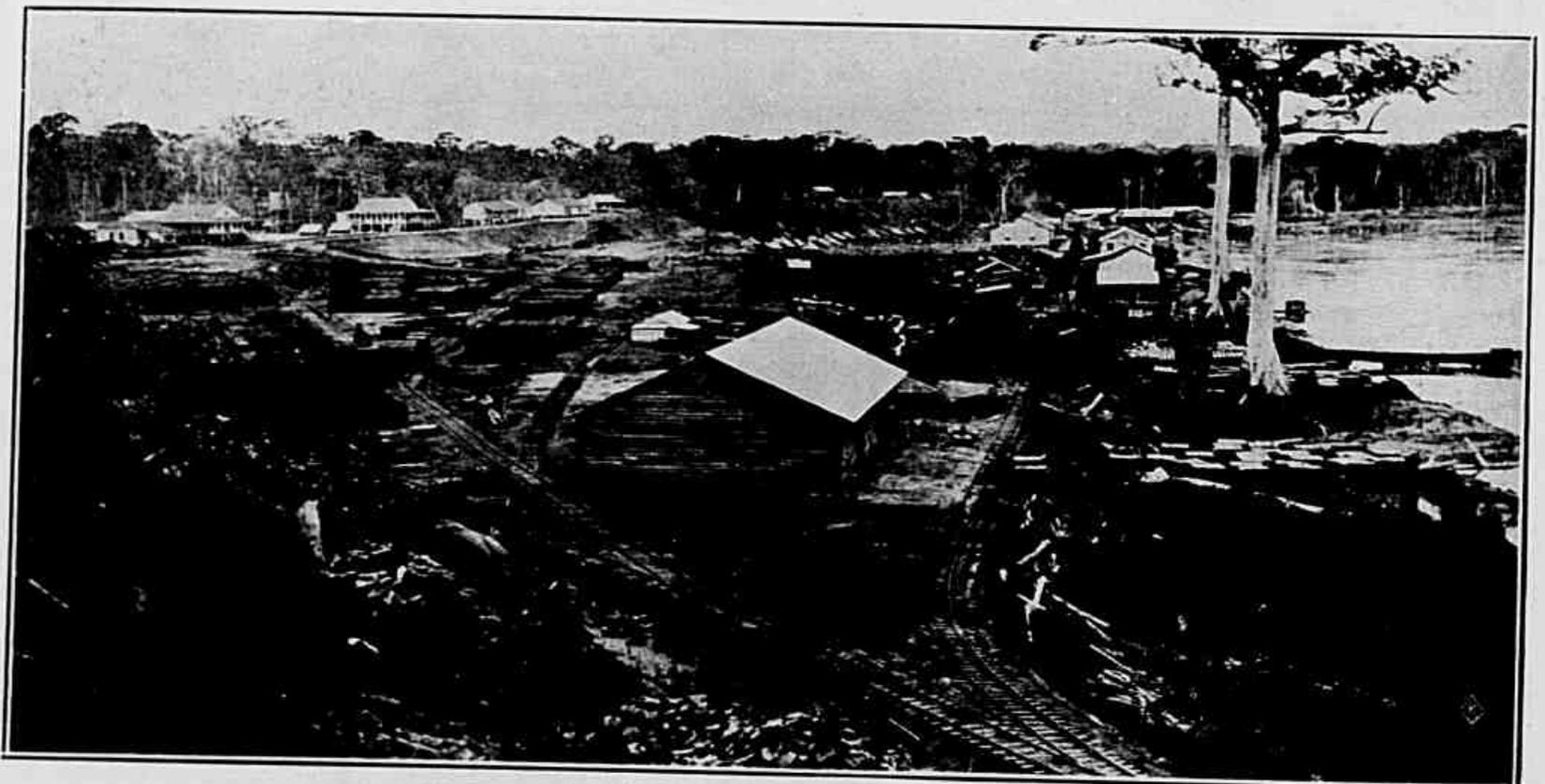
AUGUSTO DE LIMA



Estrada de Ferro Madeira-Mamoré



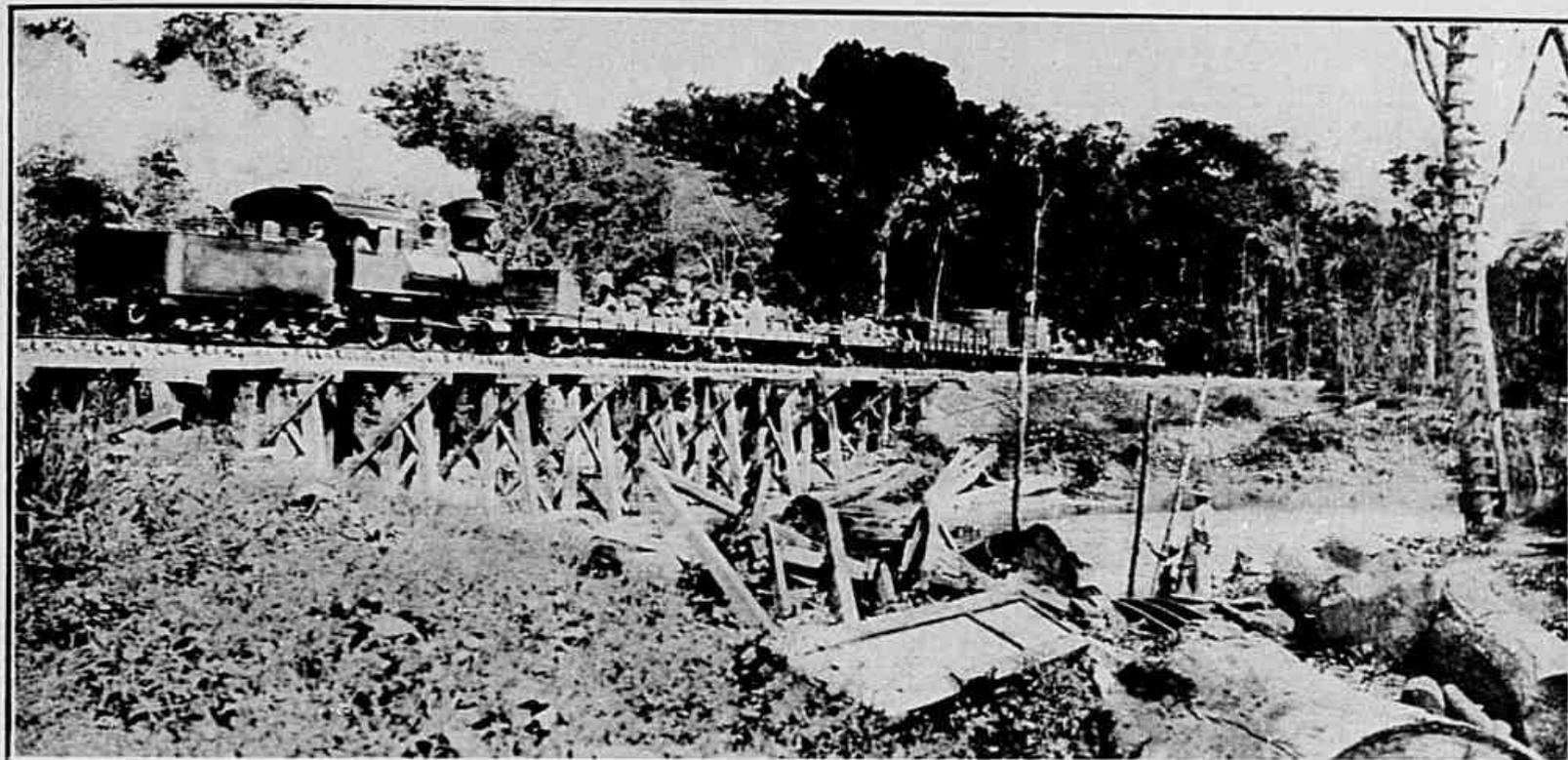
ESPLANADA DO PORTO VELHO — PONTO INICIAL DA ESTRADA.



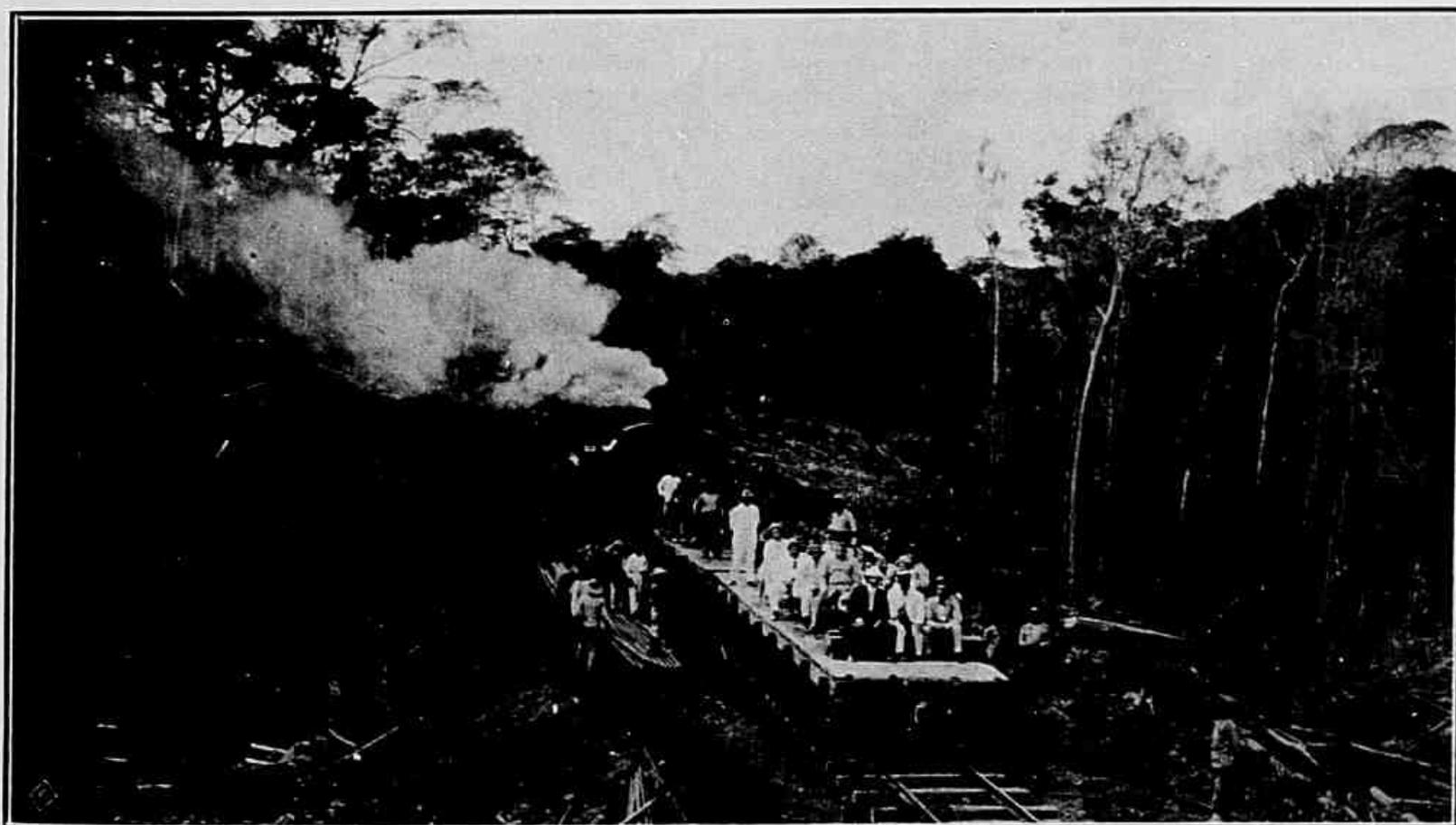
PORTO VELHO.



Estrada de Ferro Madeira-Mamoré



PONTE SOBRE O IGARAPÉ DA CANDELARIA.



OS PRIMEIROS EXCURSIONISTAS DA NOVA ESTRADA, NO KILOMETRO 25.



UNS AMIGOS QUE CHEGAM

- Amanhã preciso levantar-me ás cinco horas.
- Para quê?
- Tenho de ir a bordo receber uns amigos que passam para a Europa.
- Que gente é?
- A familia do Dr. Guedes, uma gente de S. Paulo.
- Mas para isso precisas estar de pé ás cinco horas?
- De certo! O vapor amanhece no porto; ás sete horas devo tomar a lancha. E tenho que fazer a barba, banhar-me, arranjar-me, vestir-me... Da rua das Palmeiras ao caes Pharoix tenho pelo menos uns quarenta minutos.
- Já tens lancha?
- Já, por signal que me custou sessenta mil réis; mas é muito bonita.
- Viste?
- Não, mas o homem me disse.
- Ora...
- E' um sujeito serio. — E' verdade, tu deves estar preparada assim pelas nove horas, porque elles vêm aqui commigo.
- A's nove horas? Que horror!
- Está bom, ás dez.
- A's dez não, ás onze.
- Mas o navio sáe cedo.
- Qual cedo! Antes de cinco não sae.
- Pois sim! a D. Laura deseja muito conhecer-te.
- Quem é D. Laura?
- D. Laura, a senhora do Dr. Guedes. Eu achio até que tu devias offerecer-lhes um almoço...
- O quê! um almoço! E agora é que tu me dizes isso, quando não ha mais tempo para nada?
- Como não ha tempo, filha? São oito e meia.
- E tu queres que se arranje um almoço assim depressa?
- Pois então! Tu querias fazer o almoço de vespera?
- Bem se vê que não és a dona da casa. Quantas pessoas são?
- O Dr. Guedes, a D. Laura, duas filhas e um rapaz.
- Cinco pessôas; e nós dois, sete. Nem fica bonita a mesa com numero impar.
- Seis pessôas só. O rapaz não precisa vir. almoça na cidade...
- Que idéa! Pois tu queres deixar o rapaz na rua? Bem, eu vou vêr. Felizmente tu te

lembraste ainda quando a cosinheira está em casa.

— E's um anjo, minha filha... Olha, a D. Laura não come gallinha.

— Máo, máo, máo! Dá-se carneiro.

— E', carneiro... O diabo é que o Dr. Guedes só de sentir o cheiro de carneiro fica furioso!

— Então que é que tu queres que eu faça?

— Peixe, perú, petits pois...

— Petits pois, pão com manteiga, goiababa... queijo de Minas. Bonito almoço! Mas essa gente vem mesmo?

— Com certeza! Esta aqui a carta: "Sigo depois d'amanhã, pelo *Araguaya* com toda a familia..."

A's dez horas da noite a mulher ainda dava ordens e providencias para o dia seguinte, mas João Linhares, seu marido, já aconchegado na cama, folheava um livro. Não lia, mas tambem não tinha somno; pouco habituado a dormir áquella hora de collegial, — inutilmente se esforçava para que as pálpebras se fechassem e fazia exercicios recommendados contra a insomnia. O livro que tinha em mãos era uma memoria sobre exgottos em lettra miuda, e elle lia de baixo para cima. Como isso não bastasse fechou a brochura, e começou a contar até cem; quando chegava á centena descia: "cem, noventa e nove, noventa e oito..." Decididamente era inutil! E pensava no pouco que poderia dormir: mesmo que conciliasse o somno lá para as onze, quanto tempo dormiria? E contou: onze á meia-noite, meia-noite á uma, uma ás duas, duas ás tres, tres ás quatro, quatro ás cinco... Seis horas. Era muito pouco!

Era pouco sim. Depois a mulher chegou, e esteve contando o que encommendara e dispuzera para o dia seguinte, e a despeza que fôra obrigada a fazer, e o receio de que tudo não sahisse a seu gosto..

— Tudo por culpa tua!

— Culpa minha, filha?

— Tua sim, de quem ha de ser? Pois tu não me podias prevenir com antecedencia?...

O relógio já dera meia-noite quando o pobre do João Linhares conseguiu dormir. Ao principio foi um somno leve, como si em vez de uma cama estivesse deitado numa nuvem, somno ainda incerto, somno ainda de prólogo; depois, foi se tornando pesado, invadindo todo o organismo, anesthesiando a vontade, relaxando os musculos, dextendendo os nervos; e porfim foi um desses deliciosos somnos de fadiga, sem interrupções e sem sonhos, avassaladores, reconfortadores, profundos.

Um somno assim lembra um navio que vem navegando rapidamente, com todas as velas abertas, com bom vento pela pôpa, e de repente, tarde já para se poder evitar, enterra-



se pela areia a dentro, estupidamente encalhado. Dois dias, tres, e todo o alto corpo está de fora; nos mastros erguidos vôm as velas que o vento estraçalha; e, o navio ainda parece prestes a singrar as aguas, a partir para as longas e trabalhosas viagens. Verificados inuteis todos os esforços para salvá-lo, depois de o despojarem de tudo quanto possa ser aproveitado, abandonam-no na praia como um camello moribundo nos areiaes do deserto. E vem a pilhagem: uma lasca da quilha, um pedaço do leme, uma taboa do vigamento, uma travessa das cavernas. Nas noites escuras bailam em torno os archotes numa dança fantástica. E lentamente, profundamente a carcassa de madeira e ferro vae se enterrando na areia movediça. Então experimentem arrancal-a!

Assim é o somno.

E assim era o somno de João Linhares ás cinco horas da manhã, quando o despertador retiniu nos seus ouvidos. Elle nem fez caso, — como o navio; foi a mulher que o sacudiu:

— João! João!

Estremunhado João abriu um olho.

— Que é?

— São horas?

— Horas dê quê?

Ella aborreceu-se, — porque as mulheres são como as creanças, o seu primeiro pensamento ao despertar é precisamente o ultimo que tiveram ao se deitar.

— Horas de que!? De ir receber o Dr. Guedes. Pois o Dr. Guedes não chega hoje com a familia?

— Guedes! Quem é Guedes? indagou João Linhares inteiramente bebedo de somno.

Ai! que sacrificio sahir da cama! Que sacrificio abandonar os lençoes ás cinco horas da manhã, em junho! Mas levantou-se, porque com os olhos a memoria tambem despertava. Precipitou-se sobre a bata de banho, e então olhou com inveja a mulher que remergulhada outra vez no somno, toda encolhida nos lençoes, não tinha que esperar o Guedes...

Ainda não eram seis horas quando João Linhares, bem accordado, tendo beijado com pena a mulher que dormia, atravessou o pequeno jardim, chegou ao portão, com as narinas voluptuosamente abertas; e respirou o ar puro da manhã que nunca respirava. Antes de sahir porém, teve um olhar carinhoso para as flores, um outro para a casa adormecida e outro ainda para o Corcovado, que muito alto se erguia no espaço azul, já batido de sol. Porfim, alegre, lépido, ligeiro, com as mãos nos bolsos e uma cançoneta nos labios, seguiu para a rua dos Voluntarios onde tomou um bonde da Gavea, que descia. João Linhares tomou logar no electrico, sentou-se

no banco de frente, para ter o ar matutino em primeira mão. E interessava-se pelo despertar do bairro elegante, pelas carroças que passavam, pelo prégão dos peixeiros, dos jornaleiros, dos quitandeiros. Ao chegar á praia de Botafogo pasmou de pura admiração. O Pavilhão Mourisco tinha realmente o ar exótico de um desterrado, brilhando nas suas côres claras, com as cupolas batidas de sol, o terraço dando sobre o mar, o mar lustroso e unido como o que se reflecte em espelho encantado. O jardim da avenida Beira-Mar brilhava á luz como um tapete feito de esmeraldas; e os marmores novos, entre as moitas de verduras, tinham um ar arrepiado, de frio. João Linhares estava contentissimo.

João Linhares estava contentissimo porque ia ser amavel. Era o seu fraco, a amabilidade. Rico, sedentario, commodista, não se levanta da cama si o travesseiro cae, mas anda duas legoas a pé para fazer um favor a um amigo, a um simples conhecido, até a um desconhecido. E' uma dessas naturezas impressadas entre o deslumbramento e a apathia, um e outro apenas apparentes, sem consistencia e sem brilho demorado. O deslumbramento é para elle um phosphoro acceso; a apathia o mesmo phosphoro apagado. O mau observador que o vê na rua com um ar distraído, como alheio a todo o ambiente, parando a cada passo, recomeçando a marcha serpentina e incerta como a de um somnambulo, ha de julgal-o um profundo espirito occupado em resolver problemas ou a crear fórmulas e visões de arte, mas a observação penetradora descobre logo o vacuo do seu olhar que não sonda nem profundezas nem distancias, como um binoculo a que faltam os vidros. Tudo para elle é facil como a sua fortuna herdada, como o seu casamento arranjado pela familia da mulher, como o seu emprego... O seu emprego! João Linhares chama o seu emprego ir todos os dias, á uma hora da tarde, a um primeiro andar da rua do Hospicio, sentar-se á uma mesa e ler o *Jornal do Commercio* até as tres. E' o escriptorio da sua *companhia*, uma grande companhia industrial, que dos dois nomes pomposos só possui o titulo, o papel marcado e os directores, como as suas congengeres que ás duzias se formaram durante o Encilhamento. A's tres horas infallivelmente João Linhares sae para a rua do Ouvidor, pára á porta do Luiz de Rezende, sobe até Gonçalves Dias. A' noite si a mulher está disposta passêa, vae a um theatro; faz visitas com ella; e quando sae só, o que é raro, vae até o Club dos Diarios jogar xadrez, porque esse distraído tem a pretensão de saber dirigir sobre o taboleiro essa enorme e intrincada batalha de reis, de bispos, de rainhas, de torres, de cavallos e de peões. Perde sempre mas não



desespera. Amando affectuosamente o Rio de Janeiro, João Linhares foi sem embargo o unico Carioca que se não admirou do maravilhoso progresso effectuado em menos de tres annos. Quando viu aberta, arborizada, illuminada, construida a avenida Central; alargadas as ruas da Uruguayana, Assembléa, Sete de Setembro, S. Joaquim, Mauá, Conselheiro Sarai-va, Treze de Maio, Sacramento, Marquez de Abrantes; quando viu o Palacio Monroe surgir da terra como por encanto; quando viu a longa fita florida da avenida Beira-Mar; quando viu Botafogo e todo o centro da cidade asphaltado; quando viu a modificação dos costumes e do bom gosto, não manifestou a menor surpresa, como si esse gigantesco trabalho fosse tão natural e tão simples como a sua fortuna, o seu casamento e a sua companhia industrial.

João Linhares é pois feliz, porque a mulher, com um genio inteiramente opposto ao seu, é bem educada e o estima. Anda agora catechizando o marido para fazerem os dois um passeio á Europa; elle não se resolve, mas madame Linhares tem a certeza de que quando menos esperar o marido entra em casa agitando na mão as passagens. Madame João Linhares é uma senhora baixa, rechonchudinha, typo de moreno claro com cabellos castanhos, olhar vivo e contente, extremamente graciosa e com uma pontinha de nervoso que vae bem ao seu genio equilibradamente reflectido e pratico, apparentemente alegre. Gosta do marido porque elle é bom e é ella quem manda em casa; tem trinta annos e chama-se Thereza.

João Linhares é um homem de meia altura, mais para gordo do que para magro, meio aloirado, olhos grandes de um azul sujo, a pelle fina, o bigode sedoso, longo mas sem esmeros de cuidado. E' um anno mais moço do que a mulher. João Linhares e Thereza Linhares nunca tiveram filhos.

Contente como sahira de casa, João Linhares chegou á avenida, tomou um café ás pressas; depois seguiu a pé pela rua da Assembléa e antes das sete horas estava no caes Pharoux. Enquanto atracavam a lancha, João Linhares occupou os olhos contemplando a esquadra americana do Pacifico surta na Guanabara, dando um tom de festa á incomparavel bahia inundada de luz. Os terriveis cou-raçados, pintados de branco, lembravam garças colossaes, não porque houvesse alguma semelhança de fórma, mas pela evocação do ambiente, da côr e da impressão de leveza atravez de revérbero do sol. Um momento a alma ingenua e bôa do João Linhares imaginou o horror que seria aquella frota tão branca, tão limpa, envolta pela fumaça da batalha, rubra do fogo dos canhões, agitando-se num mar de procella, de sangue e de chamma...

Quando tomou logar na lancha, quando a prôa do barco singrou as aguas, e aos seus olhos surgiu o despertar da bahia como antes surgira o despertar da cidade, João Linhares sinceramente lamentou que Thereza não tivesse vindo. Lembrou-se então do seu ardente desejo de ir á Europa, desejo a que elle nunca acquiescia, não que lhe faltasse vontade, mas porque não se lembrava. Resolveu que naquelle mesmo dia compraria passagens para o *Aragon*. Si se tivesse lembrado um pouco antes seria companheiro de viagem do Dr. Guedes.

E por Guedes: aquelle é o Dr. Guedes? Parece. A lancha aproximou-se do costado: não, não era o Dr. Guedes; era um sujeito gordo, e o Dr. Guedes é um sujeito magro...

Homem habituado a ir a bordo, João Linhares não perdeu tempo em procurar o Guedes; foi directamente ao "bureau de renseignements," :

— O Dr. Guedes?

— 348—49.

— *Thank you!*

A' porta do beliche 348, João Linhares murmurou:

— Dr. Guedes!

— ¡ *Adelante!* respondeu uma voz de sota-que argentino.

Admirado do amigo responder em hespanhol, João Linhares empurrou a porta...

João Linhares empurrou a porta, e deu com um rapaz que atava a gravata deante do espelho. Ruborisado, enalistrado, balbuciou:

— Desculpe! Eu pensei que fôsse um amigo, o Guedes...

— *Yo soy Guedes.*

— Perfeitamente, mas o meu é outro.

— *Bueno...*

— Desculpe!

— ¡ *Oh! no faltaba más. Haga el favor de cerrar la puerta...*

Fulo de raiva, João Linhares se dirigiu novamente ao "bureau," onde encontrou o mesmo Inglez impassivel. Mas João Linhares não sabia falar inglez; e ás primeiras palavras percebeu que o escanhado insular exprimia-se pessimamente em francez. Haverá nada mais comico do que uma indignação que se não pode explicar?

— *Je vous demande si le docteur Guedes s'est embarqué à Santos?*

— *Doctor Guedes, yess, from Buenos Aires,*
— 348—49.

— Qual Buenos Aires! exclamou o João Linhares em portuguez. Qual Buenos Aires! Santos.

E o Inglez, sem mover as palpebras:

— *I dont no!*

I dont no! Quando um subdito de S. M. Britannica diz que não sabe é inutil insistir.



Nesse instante felizmente appareceu o commissario, que numa babel de inglez, hespanhol e portuguez deu informações precisas ao João Linhares. Sim, havia um Dr. Guedes que devia ter embarcado em Santos, mas que resolveu fazer a viagem por S. Paulo (para não enjoar, pensou João Linhares) e tomar o vapor no Rio de Janeiro.

— Com familia?

— *Yess, with family.*

João Linhares em dois saltos desceu a escada, pulou na lancha, mandou tocar a todo vapor para a terra.

— É a familia que V. Senhoria vem buscar, seu doutor?

— Chega por S. Paulo. Ainda apanharei o expresso de S. Paulo?

— Ainda, seu doutor. O expresso agora chega ás oito e tres quartos. Faltam dez p'ras oito.

João Linhares tranquillizou-se um pouco, mas desejava que a lancha mais depressa se afastasse do *Araguaya* e ainda mais rapida se approximasse do caes.

Ella comprehendeu-lhe os desejos, aproximou-se do caes. João Linhares metteu na mão do mestre dez mil reis de gorgeta, galgou os degraos de pedra da escada. Na praça não havia um automovel, um fiacre, um tilbury! E eram oito e dez... Pôz-se a andar apressado, consultando o relógio a todo instante. Defronte das duas egrejas tomou um tilbury novo e de cavallinho esperto.

— A' Central. Depressa!

— Hop! hop!

O carro deu a volta. O cavallinho partiu num trote vivo em direcção á rua da Assembléa.

— Para onde vae? interrogou João Linhares admirado.

— Má, para rua di Lavradio, para la Centrale; respondeu o cocheiro habituado a conduzir delegados.

— Volte, volte! E' para a Estrada de Ferro Central que eu quero ir.

Risonho, obediente o cocheiro deu a volta, e indagou:

— Expresso de S. Paulo?

Ainda o alcanço?

— Creio que si, parece que chega alle otto e mezza. Em meu tempo era alle otto e mezza.

— Já foi empregado na Central?

— Não senhor, má quando vim de S. Paulo vim do expresso. Morei lá dez annos...

— Ah!

— Si senhor, diedici anni! Tinha due tilbury, um carro de boléa, quatro cavallos...

— Ahn! Ahn!

— Má il senhor doutor sabe o que é ciume... Mia mulher suspeitava que io estava inamorato de una patricia mia, una Italiana...

— Ah! E' Italiano?

— Si senhor, de Torino. Suspeitou e obrigou-me a mudar para Rio de Janeiro. Que disgrazia!

— Aqui não é melhor?

— Pode ser que seja! Má lá io era conhecido, aveva mia freguezia certa... Il Dr. Sabino Moreira, Amaral Gomes della firma Figueiredo & Companhia, il Dr. Bellarmino, il gerente della Banca Ingleza,—toda essa gente era freguezia mia...

O tilbury rodava na rua de S. Joaquim, entre a Caixa de Amortisação e o Gymnasio Nacional. Só então João Linhares percebeu a vantagem desse admiravel melhoramento, que é o asphalto. Os pensamentos do freguez e do cocheiro encontraram-se sobre o mesmo assumpto; o Phaetonte de Turin—instigou o cavallinho e manifestou o seu entusiasmo:

— Isso agora fá gosto.

— Ah! é outra coisa!

— E como é macio, senhor doutor!

Mas João Linhares não respondeu: á proporção que se approximava da Central uma pressa louca o invadia, e os seus olhos e o seu desejo precediam o tilbury á grande distancia. Em frente ao Quartel General deu logo ao cocheiro dois mil réis para não perder tempo; e o homem vendo-se pago ácima da tabella, indagou solícito:

— Quer que espere, seu doutor?

— Não, respondeu João Linhares descendo do tilbury pensando satisfeito na surpresa do Dr. Guedes ao vel-o na estação.

Defronte de uma portinhola pediu um bilhete para a gare.

— Para que trem? perguntou honestamente o empregado.

— Para o expresso de S. Paulo! respondeu Linhares muito convencido

— O expresso de S. Paulo já chegou.

— Já chegou? A que horas?

— A's oito.

— Mas não é ás oito e tres quartos que chega?

— Não senhor, visto que chegou ás oito.

Era logico. Linhares ainda se lembrou de perguntar si o Dr. Guedes chegara... Mas de subito, com uma resolução firme, dirigiu-se para a porta, embarcou em um tilbury que passava, mandou tocar para a avenida Central. Desta vez era um tilbury velho, com o cavallo magro e o cocheiro sujo. O homem resmungou?

— Para a Avenida, que numero?

— Não tem numero. Vá andando...

— Vae! fez o cocheiro, de certo habituado ás excentricidades dos freguezes.

Mas o cavallinho andava de vagar, num chôto melancolico, irritante; para passar o tem-



po João Linhares accendeu um cigarro. Não, na Avenida não havia um carro com familia. João Linhares mandou parar na estação da Jardim Botânico, pagou mais dois mil réis, desceu apressado. Entrou na cervejaria Brahma, dirigiu-se a um Allemão gordo:

- Bom dia!
- Pom tia!
- Dá licença que eu fale no seu telephone.
- Bois náó! Bote valar!
- Obrigado!
- Náo ha ti guê!

Mandou ligar com o Hotel dos Estrangeiros.

- Allôh!
- Allôh!
- Quem fala?
- Estrangeiros. Quem fala?
- Cervejaria Brahma. Faz favor de dizer si chegou ali agora uma familia...
- Sim senhor, uma familia de S. Paulo...
- Obrigado, obrigado!
- Tlin!
- Tlin!

Arre! Ia alcançar o Guedes no hotel... Um bonde ia sahir... Era Candelaria, dava uma volta. Alli havia outro... Era Laranjeiras. Que mas-sada! Emfim, Largo dos Leões. Mas como naquelle dia o bonde andava devagar! E em cada poste havia sempre alguem para embarcar ou desembarcar. Defronte da Bibliotheca uma carroça de pedras descarregava... Na Gloria o motorneiro não reparou na agulha e entrou na linha do Flamengo... Teve que dar contra-marcha... No poste da rua Silveira Martins uma numerosa familia, com mulheres e creanças, fez signal para parar. E ah! que problema! Gente que nunca sahia de casa, um passeio era uma festa, um acontecimento.

- D. Rita, olhe aquelle banco vazio.
- Onde?
- Ali, o quinto.
- Mãe, eu quero ir na ponta.
- Não, Juquinha! Entre p'ra dentro!
- Fausta, suba com a creança.
- E nós, seu Vicente, vamos aqui para fumar...
- Adeus! Adeus!
- Uff!
- A' porta do hotel.
- A familia de S. Paulo?
- Foi o sr. que falou no telephone?
- Fui eu.
- A familia pediu um quarto só para se lavar, e café com leite.
- Um homem magro?
- Sim, um homem magro.
- Uma senhora um pouco gorda?
- Justamente.
- Um rapaz e duas moças?

— Duas moças com certeza; rapaz não.

— E' que o rapaz ficou passeando... Olhe, faz favor de lhes dizer que o João Linhares vem buscal-os para passear na cidadee almoçar.

Dez minutos depois:

— O homem manda dizer que não conhece o senhor...

— Como não conhece? Pergunte si elle não é o Dr. Guedes.

— E' difficil entender o que elles dizem. A senhora só fala inglez e elle só diz alguma coisa em hespanhol, e assim mesmo muito mal.

— Então não é o Dr. Guedes! exclamou desconsolado João Linhares olhando para o empregado.

— E', talvez não seja... Em todo caso eu vou perguntar como elle se chama...

Realmente não era o Dr. Guedes; era um Mr. Collier, negociante inglez de Buenos Aires, em companhia da mulher, de uma filha e de uma cunhada; Mr. Collier conseguiu explicar ao creado que fôra companheiro no mesmo wagon de um homem magro (o Guedes! pensou Linhares), uma senhora um pouco gorda (D. Laura), duas moças (as filhas), e um rapaz (o filho),— toda a familia. Disse mais que que o supposto Guedes fôra para um hotel na Lapa.

No Largo do Machado João Linhares olhou para o relógio: eram nove e vinte. Immediatamente resolveu tomar um automovel; mas não encontrou um só nem na estação da rua Dois de Dezembro nem na outra visinha á cocheira Mendes. E ancioso esperava um bonde para a cidade quando o Walter se aproximou na sua linda machina:

— Voucê quer um lôgar, John?

— Aceito, obrigado.

— Onde quer que para pare voucê descer?

— No largo da Lapa.

Em quatro minutos João Linhares estava á porta do Grand Hotel; e mesmo á porta soube que não chegara nem uma familia de São Paulo.

— Talvez no Hotel dos Estados, lembrou o porteiro.

— E', talvez...

Tampouco no Hotel dos Estados. O porteiro lembrou:

— Talvez no Hotel Bragança...

— Talvez no Bragança!... echoou a voz desconsolada do João Linhares.

Sim, no Bragança, uma familia de S. Paulo, um homem magro, uma senhora um pouco gorda, duas moças, um rapaz.

Dr. Guedes, é?

— Elle não disse o nome, mas me parece ter ouvido a senhora dizer: "Oh! Guedes, tu não lavas a cara?"



—E' o Guedes! Olhe, diga a elle...

—Sahiram ha cinco minutos, continuou o creado sem imaginar a magua que causava ao pobre Linhares.— Sahiram ha cinco minutos.

—Sahiram? perguntou elle succumbido deixando calir os braços ao longo do corpo. A pé?

—Não senhor, de carro. Fôram para o lado da Avenida.

João Linhares tomou o seu terceiro tilbury.

—Para a Avenida, depressa!

—Eu já sei que seu dutoiri procura uma familia que sahiu do Bragança agora mesmo...

—Você viu?

—Vi, seu dutoiri. Tomaram o carro do Pintado.

O tilbury seguiu para a Avenida, foi até a estação de Mauá, voltou ao Palacio Monroe, e então sob o sol das dez horas entrou na avenida Beira-Mar como um camello no deserto. Foi quando João Linhares se lembrou de que estava morto de fome. O cocheiro fustigou o animal, avivou a chaga do Linhares:

—Olhe que é falta de sorte! Quatro minutos antes do seu dutiori chegar, a tal familia tomou o carro.

—Ora essa!

—Mas nós encontramos já com elles.

Defronte da Gloria João Linhares manifestou uma duvida: elles teriam ido pela praia ou pelo Cattete?

—E' gente de fora, seu dutoiri?

—E' de S. Paulo.

—Ah! então fôram pela Beira-Mar.

E como passasse em sentido opposto uma victoria de praça o tilbureiro indagou:

—O' Capenga, viste por ahi o Pintado com uma familia?

—Passei por elle agora mesmo defronte da ponte do Campos Salles.

João Linhares creou alma nova; ia encontral-os no Flamengo. Mas inutilmente elle e o cocheiro procuraram o Pintado em toda a extensão da praia. Cada carro que apparecia no horizonte era ao mesmo tempo uma esperança e uma desillusão. Defronte á rua de São Clemente, João Linhares ficou em duvida como no Cattete. Quem sabe si o Dr. Guedes não teria ido directamente para casa, fazer uma surpresa? E mandou tocar para a rua das Palmeiras.

João Linhares entrava no jardim quando viu um pequeno estafeta, parado junto a um canteiro todo cheio de rosas, perguntando ao copeiro "si tinha cachorros"...

—Que é, pequeno?

—Um telegramma.

Pouco habituado a receber noticias pelo telegrapho, Linhares abriu assustado o papeliinho azul e leu:

"Não tome incommodo ir Araguaya. Ultima hora adiamos viagem. Guedes."

Uma voz dôce chegou aos seus ouvidos:

—Seu dutoiri não precisa mais do carro? Talvez tenham ido para o Jardim Botânico ou para as Obras do Porto...

—Fôram para o Inferno! respondeu João Linhares dando sete mil réis ao cocheiro.

(Do livro *O Cysne Branco*)

Montevideo — Março — 1908.

THOMAZ LOPES





MACHADO DE ASSIS

BEM cedo, o grande morto do anno passado vae sendo esquecido.

A ultima vez, que se fallou d'elle foi, parece-me, na bella conferencia do sr. Oliveira Lima, que o *Jornal do Comercio* nos deu integralmente.

No emtanto, ninguem em nosso meio, como Machado de Assis, consegue despertar o interesse litterario.

Não se o lê impunemente; é uma figura extranha entre nós.

Normalmente, a cultura brazileira não permittiria o seu apparecimento; elle paira numa esphera superior ao seu tempo e á sua raça.

Como se tem dito mais de uma vez, foi um grego ou um francez das antigas tradições, prendendo-se atravez de Anatole France e de Rénan ao grande seculo de Luiz XIV.

A obra litteraria representa, tanto quanto a personalidade do escriptor, as idéas, os costumes, as aspirações ambientes; aquelle se torna, inconscientemente, o mais alto expoente da intelligencia e dos sentimentos do seu meio. Machado de Assis, não. Isola-se dos seus, foge a corrente da litteratura nacional; pelo seu refinado intellectualismo, pela sua arte originalissima, é um producto esporadico, uma especie de anomalia.

Se não tem escolas, nem épocas litterarias, a humanidade de seus livros não é propriamente uma humanidade ideal, sem limites geographicos ou historicos. Nelles se retrata uma sociedade, que já se foi, uma geração extinta, que nós, os novos, não conhecemos e quasi não comprehendemos hoje:

Não quer isto dizer que Machado de Assis tivesse sido um escriptor de romances nacionaes ou um novellista indigena, no estreito ponto de vista de Macedo ou de Alencar.

O Brazil se resumia para elle no Rio de Janeiro, onde, como em todos os centros cosmopolitas, as originalidades de raça se perdem, na imitação inconsciente das civilizações modelares.

Assim pois, elle colheu o homem na sua formação definitiva, como um producto completo, de que não quiz conhecer os factores.

O mundo physico quasi que não existe na sua arte; approximando-se de Sthendal, neste ponto, o homem só lhe valia como uma complicada machina cerebral, que elle psychologo subtil se comprazia em movimentar.

Não foi um romancista; os seus livros não são romances, na accepção nitida e moderna do termo, depois de Flaubert e de Zola.

A elle, o senhor da suprema harmonia no estylo, o mestre querido da medida e da sobriedade litterarias, faltava a logica do conjuncto, a arte. talvez um pouco mecanica, da confecção externa, como lhe faltou tambem o talento descriptivo e o poder de imaginação.

E' preciso acceital-o, tal qual se revelou, com os defeitos de suas virtudes.

Deixou-se influir muito pela liberdade de forma de De Maistre e, mais ainda, dos humoristas inglezes, Sterne e Dickens foram, de certo, seus idolos litterarios.

Eu sei que a novella romantica ou os romances logicos, medidos e justos de Flaubert, Zola e Bourget se tem tornado de uma banalidade fatigante, em França, sobretudo, onde os psychologos subtis de anomalias sentimentaes se multiplicam espantosamente.

Os livros de Anatole France demonstram a reacção, que se vae fazendo em bem da graça, da itonia e da sobriedade, que são os apañagios eternos do espirito francez.

Entretanto, não creio que "Thais," ou os "Contes de Jacques Tournebroche," representem a forma definitiva e victoriosa da litteratura.

Na intensidade da vida moderna, o intellectualismo se anniquilla; a arte se torna, inevitavelmente, utilitaria e democratica.

O romance tende pois a se resnmir numa especie de monographia scientifica, num estudo breve e incisivo de pathologia social ou humana.

Mas nós não passamos pela phase primeira. Machado de Assis é pois, um prematuro na nossa evolução litteraria e, sobretudo, um extranho.

Ninguem foi menos nacional do que elle. Não sentiu nunca a influencia deleteria, para a arte, da natureza violenta dos tropicos.

De origem humilde, mestiço e typographo, jornalista e burocrata depois, dir-se-ia que se encerrava em si mesmo, creando-se um mundo intangivel e a parte.

Sua timidez congenita, seu bom gosto innato salvaram-n'o.

N'um paiz, em que o estylo é a pompa, a adjectivação desvairada, a phrase voluptuosa e quente, que causam arrepios de volupia e calafrios de goso, foi um sobrio e um harmonico.

Collocando-se alguém, num ponto de vista de critica dogmatica não o comprehenderia. Com a sua timidez, no ambiente social, em que viveu, deveria ter feito uma litteratura de commendador solemne e besta.

Mestre de sua lingua, respirando a atmospheria envenenada por um seculo de romantismo, seria antes um rethorico genial ao modo de Ruy Barbosa.



No entanto, nem uma nem outra coisa. Mesmo nos seus primeiros livros, em "Helena,, em "Historias sem data,, ou em "Papeis avulsos,, eivados ainda de certas ficções românticas, o artista impecavel de "Braz de Cubas,, ou de D. "Casmurro,, se revela já, na ironia amarga e suave, simultaneamente, na psychologia aguda, na limpidez do estylo e sobretudo na correcção da lingua.

O sceptico e o humorista da "Theoria do medalhão,, e do "Alienista,, valem bem o sceptico e o humorista do "Braz Cubas,, que é, sem duvida, a sua obra prima.

Para conhecel-o, é sufficiente talvez ler esse livro de ouro, relel-o duas, tres vezes nas entrelinhas, nos capitulos, que não escreveu... enfim, nas suass ubtilezas todas, na sua ironia branda, no seu pessimismo, que elle embalde, tenta occultar.

Não lhe esqueçamos o fim: "não iive filhos, não transmitti a nenhuma creatura o legado de nossa mesina,,.

Como elle proprio o diz, foí este o unico saldo que Braz Cubas encontrou na morte ou no outro lado do mysterio.

Esta historia singela sem episodios românticos, especie de diario de uma vida burgueza e vulgar é, no fundo, um livro doloroso e triste, o livro de um descrente, quasi uma apologia da inercia.

E' preciso censural-o por isso? Não; Machado foi sincero, a sua philosophia, que, no dizer do sr. O. Lima, consiste no modo de ver e comprehender o universo, era aquella.

E quem poderá dizer que não seja a verdadeira e negar a inanidade de todos os esforços, a eterna importancia humana?

Spencer nos "Primeiros Principios,, depois da systematisação genial de uma philosophia viril e triumphante, cahe na duvida, que lhe é um desmentido, na descrença, que é uma irmã da inercia...

Quando se lê Machado de Assis, um pezar unico se tem; o de não ter descido mais na analyse de nossas miserias, de não ter desnudado melhor a alma humana, que tão bem soube conhecer:

Machado de Assis, psychologo de raça, não teve nunca esta grande vista de conjuncto, este poder de synthese e de generalisação philosophicos, um pouco dogmaticas talvez, que constituem o grande merito de Zola, por exemplo. Sua critica se contenta em ferir de leve; não quiz descer ao âmago das cousas.

Parece que o abysmo da alma humana lhe causa medo e que a animalidade nossa lhe produz um movimento intinctivo de poder delicado e feminismo.

Está no seu genio de timido, de uma timidez sincera, senhora um pouco excessiva e

que foi sempre um braço caracteristico de si. Já se disse algures que essa timidez era um producto de sua vida banal de burocrata; traria assim para os seus livros um reflexo do convencionalismo e de respeito ás cousas acceitas, ás hierarchias sociaes.

Foi um pouco injusta a critica; ella lhe era organica. Se se lhe fosse buscar uma origem qualquer, seria, de certo, no seu scepticismo, no seu desprezo de artista pela imbecilidade humana. Com maior verdade se disse de Machado de Assis, que encontra um certo prazer em zombar do seu leitor. Sente-se-lhe o riso mudo nas entrelinhas, não o riso sarcastico e irreverente de Eça ou o rictus amargurado de Schopenhauer; é antes um riso piedoso e condescendente de avô sceptico...

A tolíce nossa não lhe causa os gritos de revolta, o desespero aggressivo de Eça de Queiroz; quando muito, lhe faz aflorar um ligeiro sorriso. E' um paralelo interessante a se fazer, este, entre os dois maiores escriptores da nossa lingua. Dotados ambos de igual poder de observação, no entanto, a differença entre os seus temperamentos e processos de artistas, é radical e profunda.

Eça, nervoso e irreverente, iconoclasta por indole e pela educação, chicoteou impiedosamente todo um povo.

Caricaturista genial de uma sociedade degenerada, não conhecen limites á ironia, excedendp-se, por vezes, em prejuizo de sua impassibilidade superior de artista.

O cretino ou o imbecil lhe causam desespero e odio. Temperamento de combate, violento e implacavel, senhor de uma lingua, que foi sua unicamente, mais do que escreveu, photographou, mais do que romances de costumes, fez processos dessa sociedade de Accacios, Pachecos e Gouvarinhos, que foi portugueza e é nossa hoje. Elegante e requintado, vivendo nas civilisações superiores do velho mundo, foi o maior patriota do seu tempo. Regenerou pelo ridiculo, destruiu um mundo pela ironia. Machado de Assis, tão argusto e mais amargo do que seu confrade portuguez, não teria nunca esse jacobinismo destruidor, essa irreverencia atrevida, que já dizia João do Ega, é uma condição de progressõ.

Elle fere, sem deixar a chaga sangrenta do autor dos "Maias,,; a sua ironia é como um estylo agudo, que mal se sente. Faltava-lhe a ousadia de proselyto; não tentaria nunca destruir a ordem das cousas, acceitando a imbecilidade ambiente com uma bonhomia de apparencia ao menos.

Foi puramente, absurdamente, um intellectual nesta terra em que o intellectualismo é uma palavra vã, uma ficção para uso externo, nas conferencias de um patriota, como o sr.



Oliveira Lima, fazendo indirectamente uma piedosa propaganda de sua gente...

Em casa se pode ser mais franco... Machado de Assis não teve e nem terá nunca uma larga repercussão no nosso meio; sua obra foi superior á nossa cultura, extranha ao nosso gosto.

A nossa democracia, niveladora e exagerada, é impiedosa para as cousas de espirito, como aliaz o são todas as democracias. Estigmatizadas de origem, com uma perniciosa educação politica, sem vida social, asphyxiados, sob a violencia da natureza, numa phase ainda de formação e, assim, de imitação inconsciente, a nossa litteratura tem de ser o que é, genuino producto de todos esses factores, uma litteratura incolor, sem relevos, oscilando entre o indigenismo banal de Alencar e a obra vibrante, porem desharmonica de Coelho Neto, como seus melhores typos, de um lado, e o plagio servil dos livros francezes, de outro lado.

Machado de Assis não é nosso pois, não está na curva da nossa evolução intellectual, de que o genio do sr. Ruy Barboza é o ponto supremo.

O outro attico, que se lhe approxima, o sr. Joaquim Nabuco, explica-se. Viveu longe do nosso meio, sentiu de perto o contagio indelevel de Rénan, é um filho directo da cultura franceza. A campanha abolicionista, que o trouxe á rua á multidão ruidosa e barbara, não conseguiu aviltal-o, como artista, nobilitando-o, como homem.

Para ser justo, poderia exceptuar ainda, Raul Pompeia, o grande artista do "Atheneu,, talvez o livro mais perfeito da nossa littera-

tura, e hoje os srs. Graça Aranha e Euclides da Cunha.

Mas esses dois ultimos representam outra corrente litteraria, a da prdocupação social, dos altos problemas da vida, invadindo a arte, mostrando-lhe a funcção futura e nobillissima; assim me não é permittido estudal-os aqui, de afogadilho, nos modestos limites, que a mim proprio tracei. "Chanaan,, e, sobretudo, os "Sertões,, são livros de sabios e de sociologos.

O sr. Oliveira Lima não disse essas cousas, que todos nós sentimos.

Fallando perante um auditorio estrangeiro, s. exa. quiz mostrar Machado de Assis, em si somente, atravez de seus livros e de sua vida intima. Não lhe importou a anomalia, que elle representa nas nossas lettras.

Sobre o escriptor difficilmente algo se poderia dizer de novo, maximé depois dos estudos do erudito sr. José Verissimo e da conferencia do nosso digno diplomata.

Relendo-lhe a obra e esta conferencia, fui tentado a dizer as minhas impressões, todas pessoaes, sem pretensões a critica dogmatica, já se vê...

Eu sei bem que é uma irreverencia, quasi uma affronta a sua memoria sagrada a nós todos, mas elle, que, como "Braz Cubas,, se encontra, agora, no outro lado do mysterio, de certo, me perdoará, na sua condescendencia de sempre, embora lhe sinta o sorriso sceptico e piedoso e mais este "incommensuravel desdem dos mortos,,...

Rio—Agosto—1909.

JOSÉ MARIA DE A. BELLO

